

ANDRÉIA DE ALMEIDA SCHULTE

**MATERNIDADE CONTEMPORÂNEA COMO
SOFRIMENTO SOCIAL EM BLOGS BRASILEIROS**

**PUC-CAMPINAS
2016**

ANDRÉIA DE ALMEIDA SCHULTE

**MATERNIDADE CONTEMPORÂNEA COMO
SOFRIMENTO SOCIAL EM BLOGS BRASILEIROS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida – PUC-Campinas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia como Profissão e Ciência.

Orientadora: Professora Livre Docente Dra. Tânia Maria José Aiello-Vaisberg

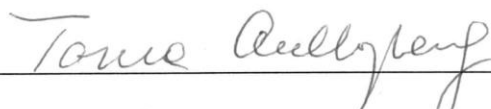
PUC-CAMPINAS

2016

ANDRÉIA DE ALMEIDA SCHULTE

**MATERNIDADE CONTEMPORÂNEA COMO
SOFRIMENTO SOCIAL EM BLOGS BRASILEIROS**

BANCA EXAMINADORA



Presidente Prof^a. Livre Docente Tânia Maria José Aiello-Vaisberg



Prof^a. Dra. Sueli Regina Gallo Belluzzo



Prof^a. Dra. Marly Aparecida Fernandes

PUC-CAMPINAS

2016

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas e
Informação - SBI - PUC-Campinas

t155.633
S386m

Schulte, Andréia de Almeida.

Maternidade contemporânea como sofrimento social em blogs brasileiros / Andréia de Almeida Schulte. – Campinas: PUC-Campinas, 2016.
122p.

Orientadora: Tânia Maria José Aiello-Vaisberg.

Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui bibliografia.

1. Maternidade. 2. Assistência a maternidade e a infância. 3. Crianças - Cuidado e higiene. 4. Maturidade emocional. 5. Psicanálise. I. Vaisberg, Tânia Maria José Aiello. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida. Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

22. ed. CDD – t155.633

AGRADECIMENTOS

Agradeço minha orientadora, Tânia Maria José Aiello-Vaisberg, pelo apoio inestimável, pelos ensinamentos e interlocuções. Também a agradeço pelo estímulo a um olhar sensível e diferenciado para o ser-humano o que, invariavelmente, impulsionou meu crescimento como ser humano e profissional.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa, agradeço pela amizade e a troca de conhecimento.

Reservo a Sueli Regina Gallo-Belluzzo minha gratidão pelo seu suporte, seu carinho e sua amizade. Sua ajuda foi determinante para o sucesso deste trabalho.

Agradeço as professoras Tânia Mara Marques Granato e Elisa Corbett pelas frutíferas considerações à época da Qualificação.

A Lucia Taveira Palermo, gratidão por me ajudar no equilíbrio emocional.

Ao companheiro, amigo e marido, Dirk Schulte, agradeço pelo apoio e paciência.

Registro também meu agradecimento aos funcionários da Secretaria do Programa pela cooperação, suporte e acolhimento. Condutas essenciais para finalizar este percurso.

Por fim, agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior cujo apoio financeiro, a partir da concessão de bolsa, permitiu-me dedicação integral e exclusiva às atividades de pesquisa.

RESUMO

Schulte, A.A. (2016). *Maternidade contemporânea como sofrimento social em blogs brasileiros*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas. 126p.

A presente pesquisa objetiva investigar a experiência de ser mãe, justificando-se por meio de uma perspectiva segundo a qual a maternidade pode ser considerada, na contemporaneidade, como sofrimento social. O trabalho se articula como pesquisa qualitativa, organizada ao redor do uso do método psicanalítico. O material investigado é composto por um conjunto de dez postagens disponibilizadas em blogs pessoais, assinadas por pessoas que se identificam como mães. Sua consideração, em estado de atenção flutuante, permitiu a produção interpretativa de dois campos de sentido afetivo-emocional: “Dedicando-se exclusivamente” e “Conciliando atividades”. O quadro geral sugere que a vinculação entre maternidade e sofrimento está intimamente ligada à contemporaneidade, que exige que a mulher persista vivenciando a maternidade como se fosse sua única missão e destino e se engaje na vida laboral, encarregando-se de contribuir financeiramente para o sustento familiar e/ou desenvolvendo uma carreira profissional significativa. Trata-se de uma situação que ocorre em diferentes classes sociais, em diferentes contextos culturais e em diferentes situações geopolíticas e que afeta, não apenas a mulher, mas a todos.

Palavras-chave: Maternidade; Sofrimento; Cuidado infantil; Experiência emocional;

Método Psicanalítico.

ABSTRACT

Schulte, A.A. (2016). *Motherhood as social suffering in Brazilian blogs*. Dissertation (Psychology Master Degree) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas. 126p.

This research aims to investigate the experience of being a mother, justified by a view that motherhood can be considered nowadays as social suffering. This essay is structured as qualitative research and organized around the use of the psychoanalytical method. The investigated material is composed by ten posts available in personal blogs, signed by people who identify themselves as mothers. The consideration of these posts in a floating attention state allowed us the interpretative production of two affective-emotional fields: "Dedicating exclusively" and "Reconciling activities". The overall frame suggests that the connection between Maternity and Suffering is closely related to contemporaneity, which requires that the women continue experiencing motherhood as if it were her only mission and destiny and try to engage it with working life, trying to contribute to the financial aspects for the family support and / or also developing a meaningful career. Therefore, this is a situation that happens in different social classes within different cultural contexts also geopolitical situations and that affects not only women but the whole society.

Keywords: Motherhood; Suffering; Child care; Emotional experience; Psychoanalytic Method.

SUMÁRIO

<u>APRESENTAÇÃO</u>	9
<u>CAPÍTULO 1 - A MATERNIDADE COMO SOFRIMENTO SOCIAL</u>	13
A MATERNIDADE E A CLÍNICA PSICOLÓGICA	15
A MATERNIDADE E O DEBATE FEMINISTA	20
<u>CAPÍTULO 2 - A MATERNIDADE EM ARTIGOS CIENTÍFICOS NACIONAIS</u>	27
SELEÇÃO DOS ARTIGOS	28
DESCRIÇÃO DOS ARTIGOS	32
DISCUSSÃO DE TENDÊNCIAS OBSERVADAS	38
<u>CAPÍTULO 3 - USO DE BLOGS PESSOAIS EM PESQUISAS</u>	42
USO DE POSTAGENS EM BLOGS COMO MATERIAL DE PESQUISA	43
POSTAGENS E PESQUISAS TEÓRICAS	49
POSTAGENS E PESQUISAS EMPÍRICAS	52
<u>CAPÍTULO 4 - ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS</u>	55
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-CONCEITUAL	57
CONDUTA, CAMPO E EXPERIÊNCIA EMOCIONAL	60
PROCEDIMENTOS INVESTIGATIVOS	64
<u>CAPÍTULO 5 - POSTAGENS SELECIONADAS</u>	67
<u>CAPÍTULO 6 - INTERPRETAÇÕES E INTERLOCUÇÕES REFLEXIVAS</u>	101
CAMPOS DE SENTIDO AFETIVO-EMOCIONAL	104
INTERLOCUÇÕES REFLEXIVAS	105
<u>REFERÊNCIAS</u>	112

APRESENTAÇÃO

A presente pesquisa objetiva investigar a experiência de ser mãe, justificando-se de acordo com uma perspectiva segundo a qual a maternidade pode ser considerada, na contemporaneidade, como sofrimento social.

O reconhecimento de dificuldades importantes, que acompanham a maternidade, não significa que neguemos que a experiência de ser mãe, no mundo contemporâneo, seja fonte de profundas gratificações que são conhecidas pessoalmente por muitas mulheres e, indiretamente, pelos homens e por mulheres que não a vivenciam pelos mais diversos motivos. Entretanto, a complexidade da vida não impede que tal experiência seja acompanhada de sofrimento, sendo este exatamente o nosso interesse de investigação: a associação entre a maternidade e o sofrimento.

Para efeitos do desenvolvimento dessa pesquisa, encontramos dois modos de pensar essa associação: como ocasional, ou seja, como infortúnio que se abate sobre algumas mulheres-mães, mas que poupa outras e como estrutural, atingindo a todas, mesmo se alguns grupos conseguem, em função das condições concretas em que vivem, atenuar os problemas. Denominamos sofrimento social aquele de caráter estrutural.

Ainda que a expressão sofrimento social não figure em Bleger (1963/1984; 1964/1985), é correto afirmar que nossa visão acerca desse fenômeno baseia-se inteiramente na perspectiva de sua psicologia concreta, segundo a qual condutas humanas emergem de campos relacionais que se inscrevem em contextos sociais, econômicos, geopolíticos, culturais e históricos.

A expressão sofrimento social foi inicialmente utilizada na França, sob a pena de Dejours (1980; 1998), focalizando especificamente sofrimentos vivenciados no contexto laboral. Posteriormente, ganhou certo destaque o trabalho de Kleinman, Das e Lock (1997), no qual o conceito se ampliou para abranger variadas situações que afetam grupos que vivem em condições sociais adversas. Mais recentemente, a questão foi retomada, de modo a nosso

ver bastante produtivo, novamente na França, por Renault (2004; 2008), que distinguiu como componentes principais, do sofrimento social, o desamparo, a humilhação e a injustiça. Entretanto, em que pese nosso reconhecimento acerca do valor dessas contribuições, não temos dúvidas em afirmar que Bleger (1963/1984), como leitor de Politzer (1928/1998) pode ser considerado um importante precursor dessa área de estudos.

Apresentaremos a seguir uma visão geral dos capítulos que compõem esta dissertação de mestrado.

No primeiro capítulo, intitulado Maternidade como Sofrimento Social, trazemos uma reflexão teórico-clínica sobre articulação de maternidade e sofrimento, a partir de considerações sobre a clínica-escola e sobre o movimento feminista. O contexto institucional da clínica de psicologia, que atende à formação profissional é, a nosso ver, muito interessante na medida em que maciçamente buscada, desde a implantação dos cursos de psicologia em nosso país, para atendimento infantil. Por outro lado, discorrer sobre o movimento feminista permite-nos situar mais claramente a maternidade no momento histórico em que vivemos, que se caracteriza tanto pela conquista de direitos como pelo aparecimento de novas exigências à mulher.

O segundo capítulo, denominado A Maternidade em Artigos Científicos Nacionais, consiste na apresentação e discussão de produções, sobre nosso problema de pesquisa, publicadas entre 2010 a 2015 na base Scientific Electronic Library Online – SciELO.

No terceiro capítulo, Uso de Blogs em Pesquisas, sustentamos o uso de postagens em blogs pessoais como material potencialmente heurístico para pesquisas qualitativas, em geral, e para investigações sobre a maternidade, em particular.

Organizamos o quarto capítulo, Estratégias Metodológicas em três seções. A primeira define os fundamentos que norteiam nossa pesquisa. Na segunda, delineamos conceitos importantes cá utilizados. Finalizamos descrevendo, na terceira seção, os procedimentos

investigativos utilizados.

No quinto capítulo, Postagens Seleccionadas, dedicado aos *procedimentos investigativos de seleção e de registro do material*, registramos todas as postagens utilizadas neste trabalho.

Elaboramos o sexto e último capítulo, Campos de Sentido Afetivo-emocional, para dar conta de duas empreitadas: apresentação dos campos de sentido afetivo-emocional e de interlocuções reflexivas, realizadas a partir de uma retomada das interpretações à luz do pensamento tanto de autores presentes em nossa revisão bibliográfica, quanto de outros já reconhecidos de longa data, tais como Badinter, Chodorow, Hollway e Winnicott, cujas contribuições podem ampliar nossa compreensão acerca do tema desta dissertação.

CAPÍTULO 1

A MATERNIDADE COMO SOFRIMENTO SOCIAL

Objetivamos, no presente trabalho, estudar a experiência emocional de “ser mãe”, optando, metodologicamente, pela abordagem de comunicações disponíveis em blogs brasileiros assinados por pessoas que se identificam como mulheres e mães. Estabelecemos tal objetivo tendo em vista o interesse maior de produzir conhecimento sobre a associação entre maternidade e sofrimento, tida frequentemente como eventual, ainda que possa ser pensada, em condições sociais específicas da contemporaneidade, como estrutural.

A experiência profissional de psicólogos, exercida tanto em consultório particular, como nos contextos institucionais, entre os quais destacamos os serviços universitários destinados aos estágios de formação, aponta consistentemente para o fato de que a experiência da maternidade parece associar-se de modo consistente a sofrimento emocional importante.

Sendo inegável que a maternidade traz consigo gratificação, realização e enriquecimento da vida da mulher, tendemos a perceber a articulação entre maternidade e sofrimento como infortúnio que se abate sobre algumas, mas que poupa outras. Lembremos, aqui, como exemplo, quão evidentes são as dificuldades e sofrimentos das mulheres que enfrentam condições de pobreza, que se caracterizam por problemas de moradia, saneamento, alimentação, transporte, educação e saúde. Igualmente eloquentes são aquelas situações de doenças graves e morte dos filhos, que podem atingir tanto as camadas pobres como as abastadas.

Contudo, quando examinamos a realidade social a partir da psicologia concreta (Bleger, 1963/1984), segundo a qual as condutas humanas emergem a partir de campos relacionais que se inserem em contextos sociais, econômicos, culturais, históricos e geopolíticos, e lançamos nosso olhar para a condição de vida das mulheres-mães¹ brasileiras, somos levadas a rever a ideia de que apenas algumas sofrem, enquanto outras apenas

¹ Termo cunhado por Badinter (1985;2010). Entretanto, aqui é utilizado como em Corbett (2014), para falar de mulheres que são mães e vivenciam situação de sofrimento.

usufruem a felicidade de terem filhos. Chegamos, assim, a aventar a possibilidade de que a articulação entre maternidade e sofrimento, no Brasil contemporâneo, seja menos circunstancial e mais estrutural, permitindo, assim, que cogitemos sobre a possibilidade de nos encontrarmos diante do que tem sido conceituado como sofrimento social (Ambrósio, Aiello-Fernandes & Aiello-Vaisberg, 2013).

Entretanto, como o solo a partir do qual firmamos nossas ideias é a clínica psicológica, optamos por organizar o presente capítulo, no qual visamos delimitar nosso problema de pesquisa, em duas partes. Na primeira delas, abordaremos nossa experiência profissional em contexto institucional, com mulheres que buscam auxílio na clínica-escola. Na segunda, examinaremos algumas contribuições do feminismo que apontam para a possibilidade de que a maternidade possa ser considerada como sofrimento social.

Desse modo, acreditamos que nossa escolha para delimitar o problema de pesquisa, utilizando-nos da clínica psicológica e do movimento feminista, sustenta a concretude da maternidade em dois níveis: a primeira sendo sua presença na clínica psicológica, ou seja, uma perspectiva em que a questão da maternidade se defronta em condições sociais mais adversas e a segunda denotando o sofrimento como uma consequência da construção cultural e social.

A MATERNIDADE E A CLÍNICA PSICOLÓGICA

No Brasil, a demanda pelo cuidado, por meio da atenção psicológica, é advinda de dois perfis socioeconômicos. O primeiro, de pacientes que podem assumir os custos de um tratamento particular. O segundo provém de classes desfavorecidas, que recebem encaminhamento de profissionais de várias áreas, para atendimento psicológico em instituições públicas (Aiello-Vaisberg, 2001). Neste cenário, a clínica-escola, concebida como a instituição pública, apresenta-se como importante alternativa que viabiliza cuidado ao

segundo tipo de perfil socioeconômico, por meio de atendimento psicológico gratuito. Nessa instituição somos impactados pela relevância que a maternidade assume, tanto na vida das mulheres como na vida das crianças, haja vista a predominância da procura desses serviços por mulheres seja para o atendimento de seus filhos ou, o que é mais raro, para seu próprio atendimento.

A apresentação de algumas vinhetas nos parece um caminho útil para retomarmos, aqui, a realidade do sofrimento de mães que buscam a clínica-escola. Como primeiro exemplo, trazemos a história de Maria², que foi atendida em uma clínica-escola na Região Metropolitana de Campinas. Maria é casada há alguns anos e tem dois filhos, Matheus com cinco anos de idade e Isabella, de doze anos.

VINHETA – 1 - Isabella tem uma doença rara e, por conta disso, sua mãe precisa acompanhá-la diariamente ao hospital para realizar o tratamento. Para isto, abandona seu emprego e, ademais, deixa Matheus na escola pela manhã e à tarde sob o cuidado de suas vizinhas. Seu marido trabalha e provê financeiramente a família, entretanto, não participa dos cuidados dos filhos, nem das tarefas domésticas. Maria justifica sua ausência por conta do trabalho. Sua ida à clínica-escola é demandada por duas vias: a primeira pela escola de Matheus, cujos professores se queixam de comportamento agressivo, baixo rendimento escolar e desobediência e, a segunda via, pelo pedido das vizinhas que auxiliam no cuidado de Matheus, que contam como ele está muito triste e desmotivado.

Nessa vinheta podemos observar, como as exigências do cuidado com os filhos recaem pesadamente sobre a mulher-mãe. Basta observar as renúncias feitas por Maria, como abandonar seu emprego e não estar presente no dia a dia de Matheus e, por fim, o quanto sua atitude, ao defender o marido, cristaliza a condição opressora em que vive.

Muitas pesquisas vêm sendo realizadas com vistas a conhecer as demandas da clínica-escola, que apontam para dois tipos principais de pacientes. O primeiro é constituído por crianças em atendimentos infantis, denotando o foco na “criança-problema” e abstraindo o

² Os nomes apontados nas vinhetas de atendimentos são, por motivos éticos, fictícios.

contexto em que surgem as condutas iniciais que a levaram ali. Em segundo lugar, está o atendimento à mulher (Ancona-Lopez, 1983; Barbosa, 1992; Graminha e Martins, 1994; Merg, 2008; Yoshida, Gatti & Xavier, 1994).

Affonso e Mota (2002), por intermédio de análise de prontuários de crianças de 2 a 12 anos, atendidas em uma clínica-escola do interior de São Paulo, objetivam associar as queixas das crianças com o relacionamento familiar. Concluem que os diferentes problemas apresentados pelas crianças estão relacionados a tipos específicos de vínculo pais-filhos, apontando para a necessidade de atendimento psicológico dos pais na resolução das dificuldades infantis.

Alinhado à pesquisa acima, podemos exemplificar com um atendimento, também realizado em clínica-escola, que retrata a história de três gerações de mulheres e denota como um olhar voltado a uma criança-problema pode desviar a atenção do contexto em geral.

VINHETA – 2 - Dona Ana, com 53 anos, comparece à clínica-escola de psicologia, acompanhando a filha Janaina, com 35 anos, e a neta Yasmin, com 8 anos. A queixa apresentada é que Yasmin é agressiva, atrevida e desatenta na escola. Dona Ana conta que Janaina tinha as mesmas dificuldades quando criança. Janaina então narra sua história, apanhava do pai e também presenciava a violência dele contra a mãe. Ele abandonou a família quando Janaina tinha cinco anos; ela, então, passou a comer em demasia e, aos doze anos, começou a se relacionar com homens mais velhos. Janaina teve três filhos, com diferentes companheiros. Atualmente ela mora com o namorado e os filhos, que presenciaram a mãe ser agredida pelo companheiro. Dona Ana quer ajudar, mas acredita que não tem direito, pois no passado ela “permitiu que as mulheres de sua família fossem infelizes” (sic).

Nessa situação familiar, temos uma criança que recebe críticas, tanto dos familiares quanto da instituição escolar. Entretanto, no contexto da psicoterapia, em um ambiente acolhedor e sem julgamento, Yasmin é retirada da posição de foco dos problemas e a família toda pode ser trazida para dialogar sobre suas histórias e seus vínculos. Constatamos, assim, que se a entrada na clínica-escola se deu por meio da queixa infantil, o fato é que pudemos

observar que a conduta da criança é o reflexo do mundo vivencial que toda a família habita. Neste cenário familiar, as mulheres sofrem sob o peso da maternidade e das problemáticas vinculares.

No trabalho de Melo e Perfeito (2006) podemos vislumbrar, com mais clareza, o papel da mulher no atendimento infantil. Segundo os autores seria “praticamente impossível discutir atendimentos infantis, sem abordar o papel parental e familiar em relação às dificuldades e saúde emocional das crianças” (p.240). Este trabalho, realizado em uma universidade de Minas Gerais, informa que os atendimentos infantis de 2000 a 2002 se realizavam ao redor de queixas comportamentais, afetivo-emocionais, escolares, relacionais, cognitivas e, finalmente, queixas fisiológico-funcional-somáticas. Entretanto, o que mais chama a atenção dos autores é que, diferentemente de estudos anteriores, que constataram que a demanda de atendimento infantil provinha, predominantemente, da instituição educacional, neste, a procura pelo atendimento era iniciativa dos pais.

Por fim, Melo e Perfeito (2006) indicam que em 75 dos 139 casos analisados, ou seja, acima de 50%, é possível identificar unicamente questões familiares e/ou falha no suporte ambiental, defendendo então, que dentro de uma perspectiva intersubjetiva, o sintoma é reativo e se dá na ordem da relação pais-criança. Logo, os autores também defendem a necessidade de cuidar dos pais, sobretudo da mãe, que é a principal responsável pelos cuidados com as crianças nestes contextos sociais.

Para ilustrar a questão dos relacionamentos familiares, trazemos a vinheta do atendimento de Kátia, viúva e mãe de três crianças, que decide abrir mão da maternidade.

VINHETA – 3 - Kátia, mãe de duas crianças pequenas, fica viúva no mesmo dia em que o terceiro filho nasce. De família humilde e sem estudo, trabalha como doméstica para sustentar sua família e conta com ajuda de alguns familiares para cuidar das crianças enquanto trabalha. Procura a clínica-escola solicitando ajuda para compreender a agressividade do segundo filho, Ryan, que acredita estar ligada à morte do pai [suicídio].

Ryan, durante os atendimentos não demonstra agressividade e sim insegurança e repetição de comportamentos, que a mãe considera identificação com o pai do menino. Por outro lado, Katia narra que não consegue tomar conta dos filhos quando está sozinha, perdendo o controle facilmente. Próximo ao final dos atendimentos opta por entregar os três filhos aos cuidados dos avós maternos, pois decide que precisa de tempo para se recompor dos acontecimentos.

No contexto de nosso grupo de pesquisa, o tema da maternidade é constantemente revisitado em dissertações, teses e artigos, rendendo, assim, em contribuições importantes para a clínica da mulher e da maternidade. Apresentamos ao leitor alguns desses trabalhos.

Granato e Aiello-Vaisberg (2011), preocupadas com mulheres que não têm acesso fácil ao serviço psicológico, trabalham com atendimento grupal, com a proposta de ajudá-las a lidar com os sofrimentos engendrados pela maternidade. As autoras, reconhecendo a potencialidade mutativa da narrativa, utilizam-na para intermediar as histórias de sofrimento dessas mulheres e, desta forma, oferecem-lhes a possibilidade de reflexão e mudança de algumas de suas condutas.

Outro trabalho que também denota a presença do sofrimento gerado pela maternidade é o de Granato e Aiello-Vaisberg (2009). Nesse estudo, pesquisam mulheres em estados de colapso psíquico que se relacionam à maternidade e à dificuldade destas mulheres de se preocuparem com seus filhos. As autoras articulam esta conduta a um contexto de ausência de holding, que dificulta atingirem a preocupação materna primária. É no atendimento psicológico que encontram suporte emocional que lhes proporciona alívio aos seus sofrimentos e oferece a possibilidade de se apropriarem de forma genuína da maternidade.

Couto, Tachibana e Aiello-Vaisberg (2007), pesquisam a experiência emocional de mães de crianças com síndrome de Down, encontrando mães que experimentavam um grande sofrimento emocional e demonstravam dificuldade de aceitar o que não queriam ver: o diagnóstico do filho.

Assim, por meio de algumas vinhetas de atendimentos reais e revisitando algumas pesquisas sobre a demanda na clínica-escola, bem como produções realizadas no contexto de nosso grupo de pesquisa, levantamos algumas questões que apontam a maternidade como experiência atravessada pelo sofrimento. É neste ambiente da clínica psicológica que, ao entrarmos em contato com os dramas vividos por tantas mulheres, chegamos à compreensão de que o sofrimento materno pode se manifestar também em vários ambientes e é consequência de uma construção social em que a mulher é, quase que totalmente, responsável por toda e qualquer situação que envolva o cuidado de seus filhos, o que também a faz ser responsável, analogamente, a tudo de bom ou ruim que acontecer a eles.

Nesse sentido, cremos que a clínica reflete a cultura e revela que, hoje, muito sofrimento parece decorrer de ideais da nossa sociedade, que foram transformados em imperativos. Dessa forma, para continuarmos delineando nosso problema de pesquisa, partiremos para a compreensão da maternidade enquanto construção sócia histórica por meio do movimento feminista.

A MATERNIDADE E O DEBATE FEMINISTA

Acreditamos que uma discussão sobre a mulher e a maternidade inclui, necessariamente, a consideração do movimento feminista contemporâneo. Trata-se de um movimento social e político de grande importância, que tem como pilar a busca de equidade entre os sexos. Partindo deste, germinam outros temas e um deles é a questão da mulher e a maternidade. Assim, notamos que, em grande parte, devido aos debates e à luta realizados no cerne desse movimento, a visão sobre a maternidade sofre uma significativa mudança social e histórica, colocando-a no centro da agenda das discussões feministas.

De uma forma geral, compreendemos que o feminismo é um movimento, cujo objetivo é lutar por uma sociedade sem hierarquia de gênero, para evitar que o gênero não seja utilizado para conceder privilégios ou legitimar a opressão. Conforme Teles (1999), o

feminismo seria:

falar da mulher, em termos de aspiração e projeto, rebeldia e constante busca de transformação, falar de tudo o que envolva a condição feminina, não é só uma vontade de ver essa mulher reabilitada nos planos econômico, social e cultural. É mais do que isso. É assumir a postura incômoda de se indignar com o fenômeno histórico em que metade da humanidade se viu milenarmente excluída nas diferentes sociedades no decorrer dos tempos (p. 09).

Cabe aqui salientar que não existe um modelo único de feminismo, pois este movimento é plural. Logo, também não há apenas um enfoque feminista acerca da maternidade, sendo essa valorizada em alguns períodos e, em outros, vista como uma função social que favorece certas formas de opressão feminina (Badinter, 2010; Collin & Laborie, 2009, Garcia, 2011/2015). Para termos uma visão panorâmica dos diferentes modos como a maternidade tem sido considerada pelas feministas, vamos lançar mão de uma divisão do movimento em três ondas. Trata-se de uma forma de organização, que certamente possui valor didático, bastante difundida (Scavone, 2001).

O começo do que conhecemos como movimento feminista, primeira onda do feminismo, foi iniciado na segunda metade do século XIX pelas sufragistas europeias. Esse grupo se constituía por mulheres brancas e de classe média, que lutaram pelo direito do voto feminino e também pelo direito de trabalhar, sem autorização marital (Fougeyrollas-Schwebel, 2009). É interessante pontuar que a mulher dessa mesma época, mas de uma classe social inferior, já trabalhava, muitas vezes sem autorização do cônjuge, pois seus ganhos eram indispensáveis ao sustento familiar (Pinsky & Pedro, 2012). Este fato deixa claro a complexidade das inter-relações entre opressão feminina e classe social.

Essa onda fundamenta-se na ideia de que as conquistas do voto e do trabalho favoreceriam mudanças sociais que permitiriam o alcance da igualdade e liberdade, com equiparação de direitos entre os homens e mulheres. Nessa fase não havia um interesse

específico em discutir ou questionar a maternidade, considerada, à época, como um fenômeno natural, mera consequência do casamento (Vasquéz, 2014; Badinter, 2010).

A partir de 1960, com o advento da segunda onda do feminismo, fortemente calcada na contribuição de Beauvoir (1949/1980), ocorre uma redefinição da agenda, que passa a incluir uma preocupação com a maternidade (Tain, 2005). O modo como tal questão veio a ser abordada esteve decididamente influenciado pelo posicionamento de Beauvoir (1949/1980), que pode ser sintetizado na fórmula feliz segundo a qual ninguém nasce mulher, pois essa seria uma condição socialmente construída. A percepção de que a condição feminina corresponde a uma produção social encontra-se na raiz do conceito de gênero. Para Garcia (2011/2015):

O conceito de gênero é a categoria central da teoria feminista. Parte da ideia de que o feminino e o masculino não são fatos naturais ou biológicos, mas sim construções culturais. Gênero não é sinônimo de sexo. Quando falamos de sexo estamos nos referindo a biologia - as diferenças físicas entre os corpos - e ao falarmos de gênero, as normas e condutas determinadas para homens e mulheres em função do sexo (p. 20).

Nessa segunda onda, o tema da maternidade esteve muito presente nas discussões e no ativismo político, o que resultou na reflexão sobre seu significado, tanto na sociedade quanto em âmbito privado, vale dizer, na família nuclear. A politização da vida cotidiana, empreendida pelas feministas denominadas radicais, questionou com vigor as relações com os homens dentro do casamento e, conseqüentemente, a maternidade. É nesse contexto que ganha força a luta pelo acesso à contracepção, por meio das pílulas anticoncepcionais, bem como pelo direito ao aborto (Miguel & Biroli, 2014).

Segundo Scavone (2001; 2004), para muitas mulheres esta experiência associava-se com a condição de esposa e era sentida agudamente como opressiva. Assim, “a maternidade não era mais o único horizonte feminino e, mais ainda, há o desejo da “não maternidade”

(Fougeyrollas-Schwebel, 2009).

Considera-se que uma terceira onda do movimento feminista teria tido início na década de oitenta mantendo-se vigente até os dias atuais (Scavone, 2001). Nesse novo cenário, a maternidade, que fora renegada pelas feministas dos anos de 1950, 1960 e 1970, ganhou um novo significado, passando a ser rediscutida. De fato, é possível distinguir dois diferentes momentos, nesta terceira onda, que se distinguem em função dos modos pelos quais a questão da maternidade é considerada.

O primeiro momento se concentra na oposição ao radicalismo das feministas da segunda onda que combatiam a maternidade. Por este motivo, talvez não cause estranheza constatar que se define por uma radical defesa da maternidade como dedicação integral aos filhos, segundo modelo francamente conservador. Segundo Badinter (2010), a figura que aqui emerge seria a da *boa mãe ecológica*, herdeira do discurso que, nos anos setenta e oitenta pregaram um retorno à natureza bem como a “ruptura com comportamentos consumistas, fruidores, egoístas e amorais” (p. 47). Esta mãe também rejeitaria os avanços tecnológicos relativos à maternidade, tais como ambientes hospitalares, parto cesáreo e o uso de analgésias, bem como artefatos que auxiliam as atividades do cuidado infantil, tais como as fraldas descartáveis e a mamadeira. Evidentemente, tais visões têm como base a crença de que a mulher seria naturalmente preparada para ser mãe, dar à luz, amamentar e cuidar de seu bebê (Badinter, 2010). Podemos, assim, convir que se trata de um movimento de caráter reacionário, centrado na retomada de alguns mitos, segundo os quais o ser humano definir-se-ia basicamente como ser natural, isolado e abstrato (Bleger, 1963/1984).

Finalmente, encontramos, ainda nesta mesma terceira onda, um movimento de superação dessa naturalização da maternidade, que se caracteriza pela ideia de que ter filhos é uma opção a ser livremente escolhida ou rejeitada pela mulher. Esta, em situação de casamento, pode ouvir o companheiro, mas não é constrangida a engravidar contra a própria

vontade. Um leque de reivindicações acompanha a tomada deste posicionamento, entre as quais lembramos a de cuidados pré-natais de qualidade, a de proteção de mulheres e garotas contra a violência doméstica e a de direitos trabalhistas, incluindo a licença-maternidade (Miguel & Biroli, 2014). Por fim, propõem uma atuação conjunta do casal no cuidado e na criação dos filhos, tirando da mulher a responsabilidade praticamente exclusiva pelo bem-estar das crianças (Scavone, 2004; Vasquez, 2014).

Tratamos aqui de não considerar o biológico como social, melhor dizendo, o fato de uma mulher e ser capaz biologicamente de dar à luz não a direciona exclusivamente à maternidade e mais, essa experiência ser vivenciada sem nenhum tipo de sofrimento. Afinal, quando consideramos que a mulher, em nossa sociedade, é a principal cuidadora de crianças, podemos assumir que, em qualquer circunstância de sua vida será ela que estará disponível para seus filhos. Por exemplo, se o filho tem algum problema na escola a mãe é a primeira a ser chamada, precisando suspender suas atividades para atendê-los. Em caso de doença é sempre a mãe que falta ao trabalho ou ainda, sai do emprego para seguir com o tratamento dos filhos. E, em última instância, se a mãe estiver impossibilitada de resolver o problema, acionam-se outras pessoas, primordialmente, mulheres.

Logo, malgrado as mulheres tenham lutado para uma atuação conjunta entre homem e mulher para a criação de filhos, liberando-a das tarefas exclusivas da maternidade, parece-nos que esta situação está longe de se realizar, em nosso país, de forma realmente expressiva. Não negamos que certos grupos sociais, que se caracterizam por alto grau de instrução e pequeno número de filhos, adotem práticas de divisão de tarefas domésticas.

Provavelmente, várias problemáticas atravessam a questão de gênero, tais como: diferença salarial, ascensão profissional, cuidado infantil, possibilidades de estudo, diferenças de classe, etária, étnica, de orientação sexual, entre tantas outras. Todas, entretanto, são construídas socialmente. E assim, como o fenômeno do sofrimento engendrado pela

maternidade, provocam a persistência da desigualdade, que causa injustiça e, conseqüentemente, mais sofrimento.

Parece, portanto, inegável que o movimento feminista tenha contribuído fortemente para a desnaturalização da maternidade e para a reflexão sobre este fenômeno dentro e fora da família, apontando assim, suas variadas facetas, que provavelmente ocupam um espectro amplo que tanto contém aumento da opressão, como indica, por exemplo, a pesquisa de Corbett (2014), que abordou mulheres-mães vítimas de violência doméstica, como sentidos ligados à gratificação afetiva profunda e à realização feminina.

Dietz e Tapias (1994) abrem uma conferência sobre o debate feminista acerca da maternidade com uma fala que parece, neste contexto, iluminar a articulação aqui apresentada, ajudando-nos a inserir este movimento como um dos quais faz a sociedade rever o lugar da mulher. Escrevem os autores:

Nos últimos vinte anos, talvez nenhum outro delineamento teórico criou tanta controvérsia dentro do movimento feminista como o papel da mulher na família. Feministas do primeiro momento, tão diferentes como Kate Millet, Betty Friedan, Juliet Mitchell e Shulamith Firestone, compartilharam uma tarefa comum: dessantificar a família e desmistificar a maternidade. (Dietz e Tapias, 1994, p. 48).

Assim, compreendemos que este movimento denunciou que o fenômeno do patriarcado se reproduz na responsabilização, praticamente exclusiva, das mulheres pelos cuidados com seus filhos e que tal tarefa impossibilitaria, ao menos parcialmente, a participação da mulher na esfera pública, melhor dizendo, na realização de atividades para além daquelas exigidas em relação ao cuidado de crianças.

Finalizamos afirmando que a maternidade, no mundo contemporâneo, pode ser considerada como experiência emocional complexa que tanto provê gratificação e alegrias profundas como se associa a sofrimento. Esperamos que a junção das duas partes do presente capítulo componha um argumento convincente no sentido de que há que distinguir dois tipos

de sofrimentos maternos: a) aqueles infortúnios que se abatem sobre algumas mulheres, que se defrontam com situações tais como doenças próprias ou dos filhos ou estados de pobreza que as impedem de prover as necessidades familiares e b) os sofrimento sociais que, intimamente relacionados às questões de gênero, atravessam situações de classe e raça, entre outras.

CAPÍTULO 2

A MATERNIDADE EM ARTIGOS CIENTÍFICOS NACIONAIS

Neste capítulo apresentamos os resultados da revisão da literatura científica sobre a maternidade. Com o objetivo de apresentar ao leitor como procedemos esse estudo, dividimos o presente capítulo em três partes. A primeira, denominada *Seleção dos artigos*, remonta passo a passo como selecionamos o material e como realizamos a inclusão ou exclusão de artigos para configurar essa revisão. Na segunda parte, *Descrição dos artigos*, realizamos uma análise dos artigos empíricos em termos de itens constitutivos de trabalhos científicos, considerando objetivos, justificativa, procedimentos metodológicos e resultados. Por último, em *Discussão de tendências observadas*, apresentamos nossa visão sobre o conjunto dos trabalhos considerado com vistas a indicar o panorama geral sobre o tema em questão, bem como auxiliar na construção teórica desta dissertação de mestrado.

SELEÇÃO DOS ARTIGOS

Consideramos, para esta revisão, a seguinte questão norteadora: o que vem sendo publicado na literatura científica nacional sobre a maternidade na base de dados Scientific Electronic Library Online – SciELO Brasil?

Esta é uma base de dados que tem funções de indexação, agregação, publicação e cooperação entre coleções em acesso aberto de periódicos científicos publicados por instituições nacionais, de países ibero-americanos e da África do Sul. Sua credibilidade também está atrelada às agências de pesquisas Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (BIREME/OPAS/OMS) (Packer *et al.*, 2014). Entretanto, nossa escolha para esta revisão limitou-se à literatura científica nacional, pois nos parece suficiente para um estudo qualitativo do escopo de um mestrado. Por outro lado, optamos pela seleção de artigos, pois grande parte das teses e dissertações se transforma em artigos, cuja leitura demanda menos tempo do que as primeiras.

Desse modo, para cumprirmos essa tarefa, efetuamos um levantamento bibliográfico na base de dados acima citada, considerando os seguintes critérios: a) artigo ser acessível por meio das palavras-chave: “mulher”, “mãe”, “maternidade” e “sofrimento”; b) artigo publicado entre 2010 e 2015; c) artigo escrito por pesquisador brasileiro da área da Psicologia e em instituição nacional, d) artigo derivado da realização de pesquisa empírica.

Dessa feita, obtivemos um conjunto inicial composto por 48 artigos que foram analisados em duas etapas. A primeira consistiu na leitura dos títulos e resumos de forma a eliminar superposições porventura existentes e também artigos que, ainda que contassem com as palavras-chave escolhidas, guardavam pouca relação com a experiência da maternidade propriamente dita. A segunda etapa correspondeu à leitura completa dos textos, a fim de alcançar um conhecimento mais detalhado, a partir do qual foi possível realizar um exame crítico de tais produções.

Na primeira etapa verificamos duas superposições que foram, conseqüentemente, excluídas. Em seguida realizamos a leitura dos 46 resumos a fim de procedermos a uma seleção mais rigorosa, quando foram excluídos 23 estudos que, apesar de serem acessíveis a partir das palavras-chaves selecionadas, foram concebidos a partir de interesses científicos de outras áreas de conhecimento, tais como a Medicina, a Enfermagem, a Fonoaudiologia, a Educação Física e a Antropologia. Outros seis artigos foram excluídos por não atenderem ao terceiro critério, vale dizer, não terem sido elaborados por pesquisadores brasileiros em instituição nacional.

Também foram excluídos três artigos teóricos, que compreendem duas revisões e uma resenha de livro, em cumprimento ao quarto critério. As revisões correspondem a trabalhos interessantes que trazem informações relevantes. Contudo, não serão objeto de nossa atenção por duas razões: por abrangerem períodos anteriores ao período que fixamos e nos pareceu suficiente para um trabalho de mestrado e por exigirem, para seu correto aproveitamento, um

trabalho detalhado que nos exigiria um tempo de que não dispomos em função dos prazos institucionais. A exclusão da resenha é, evidentemente, óbvia, pela natureza desse gênero de trabalho.

Dessa feita, nossa revisão de artigos empíricos ficou composta por um total de 14 estudos, que correspondem aos que foram desenvolvidos na área da psicologia e será sobre eles que incidirão nossas considerações. Para facilitar a visualização dos títulos selecionados elaboramos a tabela a seguir.

Tabela 1 - Artigos selecionados segundo os critérios estabelecidos

#	ARTIGO
PSICOLOGIA	
1	Almeida, S., Savassi, L., Schall, V., & Modena, C. (2012). Maternidade e hansenfase: as vivências de separação devido ao isolamento compulsório.
2	Barbosa, F. A, Machado, L., & Souza, LV. (2010). Significados do cuidado materno em mães de crianças pequenas.
3	Barbosa, P., & Rocha-Coutinho, M. (2012). Ser mulher hoje: a visão de mulheres que não desejam ter filhos.
4	Cabral, S., & Levandowski, D. (2011). Representações maternas de mães adultas: relato clínico a partir da Entrevista R.
5	Corrêa, F., & Serralha, C. (2015). A depressão pós-parto e a figura materna: uma análise retrospectiva e contextual.
6	Cunico, S., & Arpini, D. (2014). Conjugalidade e parentalidade na perspectiva de mulheres chefe de família.
7	Dornelles, L., & de Lopes, R. (2010). Desafios para a maternidade no contexto da reprodução medicamente assistida: terceiro mês do bebê.
8	Dornelles, L., & de Lopes, R. (2011). Será que eu consigo levar essa gestação até o fim? A experiência materna da gestação no contexto da reprodução assistida.
9	Granato, T.M.M., & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2013a). Narrativas interativas sobre o cuidado materno e seus sentidos afetivo-emocionais.
10	Hein, V., & Arruda, A. (2010). A desnutrição infantil representada por mães de crianças com baixo peso
11	Langaro, F., & Pretto, Z. (2015). Experiências de parentalidade como fatores geradores de sofrimento em mulheres.
12	Lanius, M., & de Souza, E. (2010). Reprodução assistida: os impasses do desejo.
13	Moreira, R., & Rasesa, E. (2010). Maternidades: os repertórios interpretativos utilizados para descrevê-las.
14	Patias, N., & Buaes, C. (2012). “Tem que ser uma escolha da mulher”! Representações de maternidade em mulheres não-mães por opção.

DESCRIÇÃO DOS ARTIGOS

A partir da Tabela 1, elaboramos quadros em que constam os objetivos dos artigos (Tabela 2), bem como os procedimentos de produção de material (Tabela 3), procedimento de registro (Tabela 4), procedimento de tratamento (Tabela 5), os participantes dos estudos (Tabela 6), referencia teórica (Tabela 7) e por fim, os resultados e conclusões dessas pesquisas (Tabela 8).

Tabela 2 – Objetivo dos artigos

#	OBJETIVO
PSICOLOGIA	
1	Discutir a experiência da separação da mãe com hanseníase e do filho biológico.
2	Compreender os significados do cuidado materno para mães de crianças pequenas.
3	Investigar sobre a maternidade a partir de Mulheres que não desejam ter filhos.
4	Analisar as expectativas, fantasias e desejos da mãe sobre o bebê.
5	Compreender vivências em relação a depressão pós-parto.
6	Investigar sobre o fim do relacionamento conjugal e as consequências à parentalidade.
7	Compreender a percepção de mães sobre seu bebê e a reprodução assistida.
8	Investigar o processo de tornar-se mãe em casos de reprodução assistida.
9	Investigar o imaginário coletivo de estudantes sobre o cuidado materno.
10	Compreender a representação social de mães acerca de seus filhos com desnutrição.
11	Compreender as experiências da parentalidade e sofrimento em mulheres.
12	Discutir as chamadas Novas Tecnologias Reprodutivas e os efeitos que a infertilidade tem no psiquismo e condição subjetiva dos sujeitos de desejo.
13	Investigar a experiência de mulheres sobre a maternidade
14	Investigar motivações de mulheres que optaram por não ter filhos. (interior do RS)

Nos artigos analisados, os dados empíricos são produzidos, predominantemente, por meio de entrevistas, seja como recurso único ou com a utilização de algum instrumento ou recurso mediador, como podemos verificar na tabela que segue.

Tabela 3 – Procedimentos de produção de material

Procedimento de produção de material	Qtde de Artigos
Entrevista semiestruturada individual	10
Entrevista + Grupo Focal	1
Entrevista + Questionário R.	1
Entrevista aberta	1
Entrevista usando mediação	1
TOTAL	14

Em procedimento de registro do material, verificamos a tendência de não se especificar os meios utilizados. Entretanto, entre os estudos que o fazem, o uso da transcrição de áudio é a mais frequente.

Tabela 4 – Procedimentos de registro do material

Procedimento de registro do material	Qtde de Artigos
Transcrição de áudio	5
Não especificado	4
Diário de Campo	2
Anotações do pesquisador	1
Narrativa dos participantes	1
Transcrição de áudio + Diário de Campo	1
TOTAL	14

Quanto ao procedimento de tratamento do material de pesquisa, encontramos 8 diferentes modalidades de análise dos dados. Novamente há uma predominância, neste caso é o uso da análise do conteúdo.

Tabela 5 – Modalidades de tratamento de material de pesquisa

Modalidades de Tratamento do material	Qtde de Artigos
Análise do Conteúdo	7
Análise do Discurso	2
Interpretação Psicanalítica	2
Análise Fenomenológica	1
Análise representacional	1
Análise Temática	1
TOTAL	14

Entre os participantes dos estudos identificamos quatro grupos.

Tabela 6 – Participantes dos estudos

Participantes dos estudos	Qtde de Artigos
Mulheres-mães adultas	10
Mulheres sem filhos	2
Mulheres-mães separadas	1
Universitários	1
TOTAL	14

Destacamos que as participantes, em sua maioria, foram recrutadas ao procurar atenção em serviços de saúde ou assistência médica pré-natal. Algumas mulheres foram

encontradas em situação de reprodução assistida e por fim, o grupo de universitários em suas instituições de ensino.

Dentre os artigos de Psicologia utilizados para esta revisão bibliográfica, distinguimos as seguintes referências teóricas:

Tabela 7 – Referências teóricas da área de Psicologia

Referência Teórica na área de Psicologia	Qtde de Artigos
Psicologia Social	4
Não identificado	3
Psicanálise	3
Psicologia do Desenvolvimento	2
Fenomenologia	1
Existencialismo	1
TOTAL	14

Tabela 8 – Resultados e conclusões dos artigos por área de conhecimento

#	RESULTADOS / CONCLUSÕES
PSICOLOGIA	
1	Como resultado, a discussão trouxe a informação de que as mães viveram dois momentos traumáticos, o da separação compulsória - pela perda - e o do retorno dos filhos após o fim da internação pois não conheciam seus filhos.
2	A experiência da maternagem dependerá do momento que esta mãe está vivendo, se esta gravidez foi planejada ou não, se ela pode ou não contar com uma rede de apoio, se ela possui recursos psíquicos para assumir a gravidez e as mudanças que irão se processar em seu corpo, em seu desenvolvimento e em seu contexto de vida.
3	As autoras perceberam que há a distinção de três posições: não são a mãe ideal de outrora nem tampouco a mulher do pós feminismo, mas sim uma mulher que encontra seu lugar, seu desejo de não ser mãe e consegue conviver e ser respeitada por seus desejos e aspirações.
4	Foi possível, através deste estudo, para as autoras defenderem o uso da entrevista R como um potencial instrumento a ser utilizado na clínica de mães-bebês pois mostrou ser eficiente ao evidenciar representações da mãe com sua mãe, dela com o seu bebê e dele consigo mesma enquanto mãe.
5	As autoras encontram dois elementos importantes: "modelo de mulher" e "modelo de maternidade" e concluem que a vivência com suas mães sugerem uma influência não absoluta, mas importante para o desencadeamento da depressão pós-parto que todas desenvolveram.
6	As autoras encontraram três categorias: conjugalidade e parentalidade, papel parental e homem é despreparado para ser pai. Esse conjunto denota uma vivência na separação conjugal na qual os parceiros transferem conflitos para a relação com os filhos e naturalizam a mãe como a cuidadora principal dos filhos.
7	Os resultados apontaram que a transição para a maternidade foi vivida com sentimento de incapacidade de cuidar adequadamente de seu bebê e medo de que ele não sobrevivesse sendo que o nascimento pré-termo tornou real a possibilidade de perda do bebê e a vivência dessa etapa.
8	Os resultados apontaram que a experiência da gestação assistida caracterizou-se pelo predomínio do medo de perder o bebê e sentimentos de incapacidade de levar a gestação a termo por conta de terem como representação de si mesmos como incapazes de gerar "coisas boas" dentro de si.
9	O estudo revela uma ambiguidade referente ao tratamento ético da questão materna e as expectativas sociais em relação à figura materna, usualmente ocultas pelo discurso contemporâneo do politicamente correto.
10	As representações sociais da Desnutrição Infantil estão ligadas à imagem da morte, ao temido, à terminalidade da vida de seus filhos, em seguida pelo fato de elas tratarem do problema da seguinte forma: o desnutrido é outro e a falha materna é de outra.

- 11 A autora chegou a quatro categorias: Ser pai/ser mãe, espaço público/privado, sofrimento e diálogo. O conjunto mostra uma diferença na concepção e construção social de parentalidade e, conseqüentemente, o sofrimento das mães que ficam responsáveis integralmente pelos filhos, mesmo para aquelas que desejam ser mães exclusivas, e tal sofrimento as impele a procurar por um espaço para diálogo.
- 12 Aponta a diferença entre o desejo de ter um filho e o desejo de maternidade.
- 13 Os autores encontraram os conteúdos (1) maternidade romântica, enfatizando-a como um fenômeno natural; (2) maternidade medicalizada, descrevendo-a por meio de um vocabulário médico e psicológico; (3) maternidade exigente, apontando as exigências do exercício de ser mãe; (4) aprendendo com a maternidade.
- 14 As autoras percebem como a influência contraditória e ambivalente dos significados que constituem as representações de maternidade e não-maternidade e que parecem colocar em dúvida suas próprias identidades. Elas afirmam suas identidades femininas, muitas vezes, através da negação dos modelos tradicionais da equação social mulher = mãe.

DISCUSSÃO DE TENDÊNCIAS OBSERVADAS

A leitura e análise do material levantado apontam para uma compreensão geral de que a Psicologia volta seu olhar à maternidade sob o aspecto vincular, procurando conhecer esta experiência inserida em vários contextos.

Primeiramente, localizamos a compreensão, por parte dos participantes das pesquisas analisadas, de que a maternidade é parte essencial da vida feminina e, portanto, esperada por essas mulheres. Encontram-se neste grupo mulheres que procuram formas de realizar a maternidade, seja pela adoção, como forma de substituição ao filho natural (Almeida, Savassi, Schall & Modena, 2012) ou pela concepção por meio de reprodução assistida (Dornelles & Lopes, 2010;2011 e Lanius & Souza, 2010). Tais condutas trazem a estas mulheres sentido à vida e possibilitam a ressignificação da impossibilidade ou dificuldade de gerar um filho de forma natural.

Se, por um lado encontramos mulheres que se sentem realizadas com a maternidade, por outro, há mulheres que optam por não terem filhos por diversas razões. Em Barbosa e Rocha-Coutinho (2012), temos mulheres que optam pela não maternidade pois não veem nesta um entrelaçamento com a completude feminina e, portanto, encontram outras formas de realização. Não obstante, acreditam que é mais difícil para a mulher abrir mão da maternidade, do que para o homem da paternidade e localizam aí, uma questão social. Diferentemente dessas mulheres, a pesquisa de Patias e Buaes (2012) mostra mulheres que vêm a maternidade como destino feminino, mas como esta é repleta de renúncias, sacrifícios e impossibilidades de realizar outras coisas optam pela não maternidade.

A questão do cuidado infantil, de fato, aparece em várias das pesquisas. Em todas elas as entrevistadas reconhecem que a responsabilidade recai na mulher-mãe. Em Barbosa, Machado e Souza (2010) as mulheres alegam que precisam de apoio e suporte para realizar as atividades maternas, pois, ainda que tenham sentimentos ambivalentes, tal apoio as faria

superar tais dificuldades, entretanto, localizam no amor materno, a condição principal de conseguirem exercer os cuidados maternos. É interessante notar que a questão de o cuidado materno ser algo naturalizado está presente não somente entre as mães, mas também entre os filhos. Granato e Aiello-Vaisberg (2013) constataram que entre os estudantes universitários o imaginário sobre o cuidado infantil repousa em uma ideia de que a mãe é a principal responsável pelos filhos e, caso não cumpra sua obrigação é vista como merecedora de punição.

Na mesma linha também pensam as mulheres da pesquisa de Moreira e Rasera (2010), considerando a maternidade como um fenômeno natural, que abrangeria, por si mesmo, o cuidado dos filhos. Essas participantes acreditam na existência de dois tipos de mães: as que dedicadamente aceitam o que seria a condição natural feminina e outras que fogem do que seria um destino biológico. Finalmente, levantam uma terceira possibilidade, constituída por aquelas que não tiveram filhos, mas se sentem culpadas.

O sofrimento notado nas pesquisas analisadas aparece sob várias formas. O cuidado infantil aparece nas pesquisas como fator de sofrimento pois relaciona-se ao fato de a responsabilidade para com os filhos recair exclusivamente sobre as mães. Assim, Cunico e Arpini (2014) que concluem, em sua pesquisa, que as mulheres acreditam serem naturalmente preparadas para cuidarem de crianças, tendendo a pensar que os pais não têm capacidade de se responsabilizar por tarefas de cuidado. Tal crença traz consigo algumas consequências, tais como, por exemplo, o fato de, em caso de separação conjugal, recair sobre a mãe a tarefa de cuidado dos filhos, deixando ao pai de classe média uma responsabilidade de sustento financeiro e visitas e, nas classes baixas, situações de total ou quase total desobrigação paterna, que caracteriza as famílias matrifocais. Langaro e Pretto (2015) relatam que as participantes de sua pesquisa expressam queixas de não reconhecimento social de sua dedicação aos filhos e das responsabilidades assumidas com a

casa. Referem, também, sofrerem frente ao desequilíbrio das exigências sociais feitas aos homens e as mulheres, colocando-se como muito mais cobradas do que os pais. Para tais mulheres, essa desigualdade se reflete diretamente em outros aspectos da vida feminina, ou seja, tanto em sua rotina quanto em suas realizações pessoais.

Estudando pessoas que sofreram depressão pós-parto, Corrêa & Serralha (2015) indicam que as mulheres que abordaram sofrem por se sentirem influenciadas pelo modelo de maternidade internalizado de suas próprias mães, sem suporte, carinho ou outra forma de demonstração de sentimentos positivos. Para elas, os relacionamentos com suas mães foram difíceis, observando-se tendência a replicar tal modelo com seus próprios filhos, o que compromete a percepção de dependência de seus bebês. Assim, a maternidade torna-se algo sofrido, permeado por mudanças que são vistas como perdas, que, no caso dessas mulheres, encadearam ou intensificaram processos de depressão pós-parto. Em contrapartida, localizamos outra pesquisa, desenvolvida por Cabral & Levandowski (2011), que apontou como relacionamentos complicados com as mães podem motivar mulheres a evitar experiências problemáticas com seus próprios filhos. O relacionamento com suas mães é também modelo para sua maternagem, entretanto, o sofrimento causado por suas mães são experiências a serem evitadas com seus próprios filhos.

Assim, podemos afirmar que a leitura dos artigos selecionados nos colocou frente a um quadro, segundo o qual, a maternidade pode ser vivida como prazer e realização, mas também como difícil e problemática. Predomina, nesses artigos, uma visão segundo a qual condições adversas atingem as mulheres de todas camadas sociais, entretanto, de forma e intensidade variadas. Estes resultados sem dúvida retratam aspectos importantes da realidade, pois não podemos negar que vivenciar um vínculo conjugal satisfatório ou não, ter vivenciado uma relação sustentadora ou dificultosa com a própria mãe, apresentar problemas de saúde ou não, enfrentar situações de pobreza ou não, ter filhos doentes, ou não, enfim, que

uma série de condições interfere na vida da mulher-mãe, tornando-a mais ou menos sofrida. Não podemos deixar de admitir que esta visão tem valor clínico e pode contribuir tanto para pensarmos em práticas interventivas como preventivas.

Contudo, existe outro ponto de vista, no qual se articulam a psicologia concreta (Bleger, 1963/1984) e as contribuições do feminismo contemporâneo, que indica que, para além dessa perspectiva, é possível distinguir, no mesmo mundo social, situações mais ou menos afortunadas. Este outro ângulo de visão é aquele que se indaga sobre a vigência de uma vinculação intrínseca, na contemporaneidade, entre maternidade e sofrimento, que se configuram precisamente como sofrimento social que atravessa classes sociais, condições culturais e geopolíticas (Ambrósio, Aiello-Fernandes & Aiello-Vaisberg, 2013). Trata-se, evidentemente, de uma questão que não deve ser respondida com base em opiniões e crenças irrefletidas, mas por meio de pesquisa científica.

Os sofrimentos sociais têm sido relacionados, como sabemos, ao mundo laboral, à pobreza, à violência, à guerra. Quando nos deparamos com vítimas femininas, muitas vezes se associam à violência doméstica e ao estupro. A questão que queremos aqui examinar, por meio do estudo da experiência de mulheres que assinam postagens em blogs pessoais, é a de se enfrentam sofrimentos que derivam de condições de opressão social.

A partir de tais considerações, algumas questões se colocam: As dificuldades emocionais relativas à maternidade devem ser resolvidas isoladamente? Se tal sofrimento é engendrado por um contexto social, podemos subscrever que os cuidados maternos são naturais? Como o serviço de saúde poderia desenvolver maneiras para o cuidado dessas mulheres-mães? Ou o cuidado à mulher-mãe deve ser buscado fora do ambiente institucional e visto como uma necessidade não coletiva?

Finalizando este capítulo, esperamos ter apresentado satisfatoriamente aspectos importantes do debate contemporâneo sobre a maternidade por meio da análise dos artigos.

CAPÍTULO 3

USO DE BLOGS PESSOAIS EM PESQUISAS

Apresentamos, neste capítulo, breve exposição sobre o uso de postagens em blogs pessoais como material de pesquisa, lembrando que vem sendo tematizadas em trabalhos teóricos e utilizadas em pesquisas empíricas. A leitura e análise desses trabalhos contribuem, a nosso ver, de modo significativo na sustentação de que escolhemos um material que pode ser realmente útil na produção de conhecimento compreensivo sobre a experiência da maternidade como sofrimento social.

Malgrado se tratar de um capítulo relativamente curto e bastante focado, decidimos organizá-lo em três partes com vistas a cultivar uma forma clara de escrita. A primeira parte, intitulada “Uso de Postagens em Blogs Pessoais como Material de Pesquisa” versa sobre com esta forma de manifestação humana pode ser considerada útil em pesquisas que se alinhem à psicologia concreta. A segunda, “Postagens e Pesquisas Teóricas” traz um grupo de estudos que defende o uso de postagens em pesquisas acadêmicas e, desse modo, versa sobre suas potencialidades. Na terceira e última parte, denominada “Postagens e Pesquisas Empíricas”, apresentamos trabalhos que se utilizaram de blogs ou de suas postagens como forma de produção de material para pesquisas.

USO DE POSTAGENS EM BLOGS PESSOAIS COMO MATERIAL DE PESQUISA

Adotamos, neste estudo, uma compreensão ampliada do método psicanalítico que deixa de lado a referência somente ao registro discursivo para pesquisar condutas e campos de sentido afetivo-emocional a partir dos quais emergem (Aiello-Vaisberg, 1999). Neste contexto teórico, que é o da psicologia da conduta (Bleger, 1963/1984), forjada a partir de fundamentos crítico-propositivos de Politzer (1928/1998), os atos manifestos dos seres humanos, bem como as narrativas que a partir deles são tecidas, fazem parte da dramática existencial na qual estamos todos mergulhados. A experiência emocional deve ser compreendida como conduta que se expressa sob forma de atuação no mundo externo, sob forma de vivências corporais ou sob forma de pensamentos e emoções (Bleger, 1963/1984).

Pesquisas qualitativas que adotam o método psicanalítico para interpretar o sentido afetivo-emocional de condutas e também refletir sobre tais interpretações enfrentam, inicialmente, o mesmo desafio metodológico de toda investigação empírica: como produzir o material a ser estudado. Em nossos termos, tal questão pode ser colocada do seguinte modo: como recortar, a partir da multiplicidade dos atos humanos, alguns que possam se prestar à produção do conhecimento que almejamos, a partir dos objetivos de pesquisa estabelecidos?

São inúmeras as possibilidades que se descortinam diante de nós quando nos defrontamos com essa questão. Entretanto, todas devem obedecer aos princípios fundamentais norteadores do método psicanalítico. Este, alicerçado no pressuposto de que nenhuma conduta está isenta de sentido afetivo-emocional, exige o cultivo da concessão de máxima liberdade expressiva ao paciente ou participante. Evidentemente, isso não significa que acreditemos que a presença do pesquisador e seu interesse de pesquisa, deixem de interferir na produção do material. Ingenuidade epistemológica há muito superada no campo das ciências exatas, biológicas e humanas. Entretanto, tal condição não impede que se tenha em mente que a configuração de um campo de encontro no qual o pesquisador se apresenta como presença sutil e não invasiva, seja o desejável. Como sabemos, tais questões foram primorosamente tratadas por Bleger (1964/1985), quando se debruçou sobre a entrevista psicológica psicanaliticamente orientada.

A partir de tais considerações, entendemos como válidas todas as mediações capazes de favorecer a expressão maximamente livre do outro – lembremos que “livre” porque afetivo-emocionalmente determinada. Como corolário, evitamos, terminantemente, abordagens que tendam a constranger a liberdade expressiva, tais como questionários ou escalas.

Temos usado muitos recursos mediadores em nossas pesquisas, como o Procedimento

de Desenhos-Estórias com Tema³, o teatro winnicottiano da espontaneidade⁴, fotografias⁵ e narrativas interativas⁶.

Portanto, alinhados a uma psicologia concreta e seguindo os procedimentos investigativos propostos por Aiello-Vaisberg (1999) e didaticamente desenvolvidos por Aiello-Vaisberg e Ambrósio (2006), defendemos que todo ato humano pode ser psicanaliticamente interpretado, vale dizer, compreendido em termos afetivo-emocionais, porque é humanamente produzido. Então, toda conduta emerge a partir de campos de sentido afetivo-emocionais, que são relacionais. Em nossas pesquisas favorecemos a produção de conhecimento psicanalítico configurando o encontro com o outro de modo a criar condições que favoreçam sua liberdade expressiva. Desta forma, geramos conhecimento compreensivo e concreto que “pode contribuir para a transformação da vida de indivíduos, grupos e comunidades” (Aiello-Fernandes, Ambrósio & Aiello-Vaisberg, 2012, p. 314).

Logo, a partir do exposto acima, quando convidamos uma pessoa a expressar-se livremente, entendemos que não é uma tarefa fácil e que o ambiente em que se desenrola o encontro do pesquisador com o participante da pesquisa tem um papel importante (Bleger, 1963/1984, 1964/1985). Acreditamos que, em uma pesquisa qualitativa, principalmente em psicologia, seja necessária a criação de um ambiente apropriado para a comunicação emocional. O reconhecimento de tal necessidade nessa pesquisa se intensifica por tratarmos, aqui, de um tema delicado, a maternidade.

Ao nos indagarmos sobre a natureza de uma produção humana que pudesse expressar

3 Aiello-Vaisberg, 1999; Ferreira, 2005; Barreto, 2006; Tachibana, 2006; Martins, 2007; Ribeiro, 2008; Russo, 2008; Ávila, 2008, Gonçalves, 2008; Ávila, Tachibana, Aiello-Vaisberg, 2008; Pontes, Cabreira, Ferreira, Vaisberg, 2008; Corbett, 2009; Barreto, Aiello-Vaisberg, 2010; Martins, Aiello-Vaisberg, 2010; Pontes, Barcellos, Tachibana, Aiello-Vaisberg, 2010; Gallo-Belluzzo, 2011; Tachibana, 2011; Pontes, 2011; Montezi, Zia, Tachibana, Aiello-Vaisberg, 2011; Simões, 2012; Manna, 2013; Gallo-Belluzzo, Corbett, Aiello-Vaisberg, 2013; Assis, 2014; Corbett, Ambrósio, Gallo-Belluzzo, Aiello-Vaisberg, 2014; Tachibana, Ambrósio, Beaune, Aiello-Vaisberg, 2014; Gallo-Belluzzo et al, 2015; Rodrigues, 2016

4 Camps, 2003; Zia, 2012.

5 Simões, 2012; Simões, Ferreira-Teixeira, Aiello-Vaisberg, 2014.

6 Granato, Tachibana e Aiello-Vaisberg, 2011; Granato e Aiello-Vaisberg, 2013a,b; Granato e Aiello-Vaisberg, 2016.

a experiência da maternidade mantendo a máxima liberdade expressiva, sem a necessidade de interposição de uma situação proposta, lembramo-nos imediatamente de Politzer (1928/1998), em cuja obra inspirou-se Bleger (1963/1984) para propor sua psicologia da conduta. O filósofo acreditava que o verdadeiro objeto de estudo da psicologia – e da psicanálise – seria o drama, vale dizer, a experiência vivida. Era de opinião, também, que esta vem à tona principalmente por meio de narrativas. Pensadas em sentido amplo, todas as condutas humanas teriam, assim, caráter narrativo na medida em que contariam o drama vivenciado. Em acepção mais minuciosa, as narrativas são reconhecidas, no campo das ciências humanas, como relatos verbais, orais ou escritos, acerca das experiências de vida. Sendo assim, podem emergir no contexto de conversas e entrevistas como também sob forma escrita.

Uma das práticas narrativa muito importante, seria o tradicional diarismo⁷ que, na contemporaneidade, viria sendo substituído, segundo alguns autores, por postagens em blogs pessoais (Luccio e Nicolacida-Costa, 2010). Esta nos pareceu uma ideia interessante que nos dispusemos a examinar. Nossas reflexões nos levaram a considerar que traçar uma espécie de equivalência simples entre blog pessoal e diário seria uma empreitada temerária, uma vez que o primeiro ocorre como atividade sigilosa e o segundo é, nesse sentido, seu avesso. Contudo, não há como negar que ambos visam expressar sentimentos e posicionamentos dos autores em suas vidas diante de questões que consideram relevantes. Tal dimensão nos parece fundamental, falando a favor de sua valorização como material para a pesquisa psicológica.

Pesquisas anteriores, realizadas em nosso grupo, já haviam demonstrado como fecundo o uso desse material (Visintin & Aiello-Vaisberg, 2015; Visintin & Granato, 2015). Entretanto, ficamos pessoalmente bastante convencidas, sobre a riqueza desse material, ao iniciarmos o procedimento de seleção de material na internet, quando constatamos uma vasta

⁷ Usamos esse termo segundo a acepção que encontramos em Luccio e Nicolacida-Costa (2010) e Batista (2011), quando se referem à prática de escrita cotidiana de narrativas de vida em diários. Não é esse o sentido sob o qual o termo figura em dicionários da língua portuguesa tais como Ferreira (1986).

quantidade de blogs tematizando a maternidade, encontrando desde aqueles patrocinados por empresas até outros, de caráter pessoal e multitemático. Notamos, assim que travamos conhecimento com este material, que se trata de comunicações que podem ser proveitosamente utilizadas na pesquisa psicológica com o método psicanalítico.

Dentre as várias categorias existentes de blogs (Primo, 2008), propomos o uso dos blogs pessoais na pesquisa qualitativa, pois trazem como tema aspectos pessoais da vida cotidiana de seu autor (Webb & Lee, 2011), tendo em comum uma escrita realizada em primeira pessoa, o que promove um tom intimista, favorecendo a troca emocional muito próxima do leitor (Petersen, 2015).

Podemos, assim, destacar quatro aspectos que fariam desse um material de pesquisa interessante: 1) ser fruto da iniciativa do autor e não resposta a solicitação do pesquisador; 2) apresentar relativa proximidade a narrativas que caracterizam os chamados diários; 3) permitir a seleção de questões humanas específicas e, por fim, 4) constituir-se em material relativamente abundante.

Inicialmente, lembramos que se trata de material produzido por iniciativa voluntária do autor e não para atendimento de solicitação do pesquisador. Este fato pode atender de modo ampliado à exigência metodológica de cultivo de máxima liberdade expressiva do participante. Seria, evidentemente, insensato defender que esse tipo de material seja de algum modo superior ou mais fidedigno a outros, produzidos em entrevistas psicológicas psicanaliticamente configuradas (Bleger, 1964/1985), com ou sem uso de mediações, pois a importância das formas mais usadas de produção de material de pesquisa, tais como entrevistas, atendimentos, observações, questionários e escalas não devem, de modo algum, ser desvalorizada. Entretanto, o aproveitamento de novas formas de manifestação de condutas certamente acrescenta novas possibilidades que, por seu turno, não devem ser subestimadas.

Sobre escrita voluntária e sua equivalência a diários, apresentamos a pesquisa de

Luccio e Nicolacida-Costa (2010), que defendem que a prática do “diarismo” pode ter sido, em grande escala, substituída pelo meio online - no caso, as postagens em blogs pessoais, pois, “por conta de sua associação com os diários de bordo aludidos em seu nome, nos primeiros tempos, eles [os blogs] eram principalmente usados como um espaço para escrever sobre si mesmo e rapidamente se tornaram conhecidos como diários virtuais” (p.137). Evidentemente, tal paralelo deve ser considerado cautelosamente, pois um importante aspecto, que pode passar despercebido por não-psicólogos, é o fato do diário ter surgido como um tipo de escrita praticamente secreta – se bem possamos adivinhar com facilidade, o desejo do autor de ter seus escritos encontrados e compreendidos. Alinhado a essa análise do diário, citamos o trabalho de Braga (2009) que analisou um diário e blogs de adolescentes, abordando questões relativas à comunicação e ao isolamento entre os adolescentes. Em ambas as formas de expressão verificou-se tanto a necessidade de comunicação como a necessidade de não ser decifrado, em consonância com importante tema do pensamento winnicottiano.

Acerca de blogs temáticos, em específico sobre a maternidade, Petersen (2015) defende ser uma forma emergente de comunicação na qual as mulheres podem lidar com as restrições e implicações da maternidade. Tal movimento permite que as postagens de mães blogueiras possam exercer influência sobre outras mães, que procuram um espaço para apoio emocional e para conhecer a experiência da maternidade. Nesse momento é interessante ressaltar que este é um tema muito recorrente na internet. Esta categoria de blog é atualmente conhecida como *mommy bloggers*, e são funções primordiais destes blogs compartilhar experiências e exercer influência sobre outras mães que procuram um espaço para apoio emocional (Petersen, 2015).

A respeito de sua amplitude, podemos citar nossa própria pesquisa, quando, ao iniciarmos nosso procedimento investigativo de seleção do material, defrontamo-nos com um

material surpreendentemente volumoso, composto de 64 páginas com cerca de 20 entradas cada uma, ou seja, mais de 1200 postagens, direcionando-nos à necessidade de aplicar outros filtros de seleção de material, tais como a inclusão somente de blogs pessoais, escritos por mulheres-mães e, por fim, um filtro temporal.

POSTAGENS E PESQUISAS TEÓRICAS

No Brasil contamos com trabalhos teóricos como o de Batista (2011), que investiga os blogs pessoais como uma continuidade da prática do diarismo e propõe uma discussão em torno da consideração do público e do privado nesse tipo de produção, bem como sobre as motivações de seus autores. A autora relata, de acordo com sua análise, seis tipos de motivações para a escrita em blogs que perpassam desde a constituição da subjetividade até o desejo de fama, concluindo que:

Contar a própria rotina ou os próprios pensamentos, no formato de diário, quase sempre esteve ligado a algo íntimo e sigiloso, ou seja, algo da esfera do privado. Uma das novidades dos blogs – e, talvez, a de maior destaque – foi tornar público o que antes era privado [...] o fato de os blogs confessionais exporem na tela a vida íntima, antes restrita às páginas secretas dos diários clássicos, não deveria ser visto como um corte na história do diarismo, mas apenas uma adaptação do diário aos valores dos tempos atuais e às novas tecnologias existentes. (p. 116)

Nos Estados Unidos, o trabalho de Li (2005) traz como objetivo a compreensão das motivações do indivíduo para manter e escrever em um blog, contendo informações específicas sobre “quem”, “quando”, “como”, “onde”, “sobre o que” e “para que” os sujeitos utilizam seus blogs. Assim como Batista (2011), elenca algumas motivações: auto-documentação, melhora na escrita, auto expressão, melhorar apresentação pessoal, informar, passar o tempo e socialização. O interessante a se observar nessa pesquisa são as motivações assumidas por gênero: homens escreveriam mais sobre informações generalizadas e mulheres

sobre experiências pessoais. Esta observação levou o autor à consideração final de que, dada a multiformidade e expansividade da internet, os blogs servem a várias utilidades, de acordo com cada sujeito, mas que o denominador comum a todos os usuários é a procura, nessa atividade, por satisfação pessoal.

Primo e Smaniotto, (2006) questionam se blogs seriam de fato a versão *online* de um diário íntimo, opinião que, como vimos, é defendida por outros estudiosos (Batista, 2011; Luccio & Nicolacida-Costa, 2010). Nessa linha, enfatizam a importância da interatividade, que os diferencia fortemente da privacidade característica dos diários, como um aspecto revelador de uma busca de contato com outras pessoas. Seriam, assim, como que mensagens sem destinatários específicos, que alcança um grande número de internautas que podem optar por manifestar-se ou calar-se. Assim, Primo e Smaniotto (2006) defendem que:

Normalmente a conversação se desenvolve a partir das reações ao post original. Contudo, nada impede que a conversa tome outros rumos ou mesmo que se publique comentários fora de contexto. Vários assuntos podem ser discutidos ao mesmo tempo, mesmo aqueles sem nenhuma relação com o post original. Uma conversação pode ainda ir além dos comentários de um certo blog, espalhando-se e ampliando-se através de posts em outros blogs e de seus respectivos comentários. É como se a conversação “escorresse” por entre diversos blogs. Percebe-se aí o caráter “viral” da conversação mediada por blogs. (p. 07)

O caráter viral a que estes autores se referem pode também ser ligado ao que Petersen (2015) defende quando afirma que postagens podem se constituir como influência sobre pessoas. Nesse sentido, quando os leitores se identificam com a postagem, podem ampliar a conversação *ad infinitum*, o que certamente indica quais são as questões humanas que, nos contextos sociais, econômicos, culturais, históricos e geopolíticos em que vivemos mais preocupam as pessoas. Tal informação é certamente relevante de vários pontos de vista quando se encontra em pauta a busca de melhoria da vida das gerações presentes e futuras. Entretanto, Morrison (2012) considera que ao realizar uma pesquisa acadêmica é necessário

distinguir qual material será utilizado, as postagens em si, os comentários gerados a partir da postagem ou ambos os materiais, pois tratam, a seu ver, de experiências diversas, vale dizer, a postagem como sendo a manifestação da experiência vivida do autor e os comentários como sendo a opinião de outros acerca daquela postagem.

Ainda que nossa posição de valorização de postagens e comentários em blogs, como material de pesquisa, coincida, em linhas gerais com as de Morrison (2012), divergimos fortemente de sua proposta de diferenciar entre postagens e comentários. A seu ver, a postagem manifestaria a experiência vivida do seu autor, enquanto os comentários corresponderiam a opiniões dos leitores. Ora, do ponto de vista da psicologia da conduta, todos os atos humanos emergem a partir de campos de sentido afetivo-emocional, cujo caráter é eminentemente relacional. O que Morrison (2012) afirma faz pensar que atos como postar e comentar nasçam em diferentes lugares mentais, vale dizer, num psiquismo emocional ou a partir de uma região puramente intelectual. Não nos opomos a proposta de declinar, com toda clareza, que parte do material utilizado em pesquisa corresponde a postagem ou a comentário – mas por motivos absolutamente diversos, que se ligam fundamentalmente à concepção da conduta como fenômeno interativo. Finalmente, lembramos que, se necessário fosse, a tese desse autor poderia ser facilmente contestada mediante a apresentação de comentários manifestamente carregados em termos de expressão emocional.

Na Argentina, Quiroga (2011) percorre, na história, o início do caminho tecnológico e relembra que os blogs, que foram criados inicialmente para uso acadêmico, evoluíram, posteriormente, em várias direções. A seu ver, atualmente as postagens podem fazer uso de outros tipos de interatividade, como fotos, vídeos, links, hiperlinks, bem como contemplar várias finalidades, diversas de interesses pessoais. Em suas palavras esclarece que “Sin embargo, los *blogs*, como parte de esos mundos virtuales, y en especial como nodos de

comunidades interpretativas, nos ofrecen modos de articular lecturas, escrituras y búsquedas, piezas definitivas entre cientistas sociales e historiadores” (Quiroga, 2011, p. 77). Afirma, finalmente, que o uso das postagens, bem como de outras ferramentas, disponíveis em blogs, hoje faz parte da vida social cotidiana.

Em contexto europeu, Violi (2009) defende que os espaços privados se encontram em progressiva expansão, tornando-se cada vez mais públicos, por conta do acesso fácil e rápido à internet:

Un caso particularmente interesante en esta perspectiva es el increíble desarrollo de los blogs, sobretudo de los blogs personales, especies de diarios on line, privados y públicos al mismo tiempo. En pocos años el fenómeno ha alcanzado dimensiones impresionantes, con una estimación, quizás por defecto, de 60 ó 70 millones de blogs activos, y un crecimiento de los nuevos blogs que se sitúa en 1,4 al segundo. (Violi, 2009, p. 40)

Dessa forma, Violi (2009) sustenta que a experiência vivida, descrita em um *post*, é facilmente trasladada para o ambiente público, pois, muito embora o autor não tenha escrito para alguém específico, há toda uma comunidade online em condição de acessar sua manifestação.

POSTAGENS E PESQUISAS EMPÍRICAS

No âmbito de pesquisas empíricas, as postagens em blogs são selecionadas para a análise com diversas finalidades, conforme demonstraremos a seguir.

Verificamos três tipos de pesquisa, numa delas o blog é usado como mediação interventiva para cuidado de doentes ou como instrumento pedagógico (Carrillo, Díaz, Ortiz, Afanador & Herrera, 2011; Ginani, Gadelha & Galvão; 2012). Somente em Rizzotto (2014) observamos o uso mesmo em pesquisa empírica. É evidente que nos casos de intervenção, também há pesquisa, mas o potencial clínico e didático do blog deve ser destacado.

As autoras Carrillo, Díaz, Ortiz, Afanador e Herrera (2011), por exemplo, produziram um interessante estudo no qual pacientes de doenças crônicas de Bogotá, proibidos de interação face-a-face, vinculam-se a um blog e se tornam seus usuários. O uso do blog serve a várias funções, inclusive como um diário, escrevendo postagens sobre suas enfermidades. Como resultado, as enfermeiras descrevem a percepção de que o uso dos blogs e a possibilidade de interação foram benéficas, pois houve, em suas visões, suporte afetivo, social e emocional de seus interlocutores. Ademais, as autoras defendem que o uso e a interatividade dos blogs também levaram os pacientes a autoconhecimento, crescimento pessoal, vínculo, comunicação e satisfação.

No nordeste do Brasil, Ginani, Gadelha e Galvão (2012) utilizaram-se de postagens em blog educacional para aumentar a efetividade do ensino em embriologia. Os autores criaram um blog no qual professores deixavam suas postagens em formato de caso clínico, artigos e outros materiais. Ao fim do semestre, o uso da ferramenta foi avaliado através de um questionário e obteve grande aprovação por parte dos estudantes e, por fim, a melhora das notas comprovou que o uso de ferramentas tecnológicas pode ser auxílio eficaz no ambiente de ensino.

Rizzotto (2014), por sua vez, utiliza-se de estratégias discursivas para analisar 102 postagens pessoais de um blog com temática feminista. Como resultado, a autora verificou que o blog abordou mais frequentemente (38,61%) casos de violência contra a mulher, concluindo que o “contrato” firmado entre o blog e seu público é pautado em uma relação bidirecional, ou seja, o autor escreve sobre algo e, baseado na aceitação do tema, retorna a ele quantas vezes quiser, e assim, contribui para uma cultura de consumo crítico das informações. Voltamos à questão do caráter influenciável das postagens e também de seu caráter vincular.

Encerramos o presente capítulo para passarmos à apresentação das estratégias metodológicas que utilizamos nessa pesquisa, sem deixar de afirmar que o estudo de blogs

contempla, a nosso ver, a busca por um material passível de expressar a experiência emocional de mulheres-mães na contemporaneidade. Consideramos as manifestações veiculadas em blogs como narrativas que expressam os dramas, adotando, portanto, a perspectiva defendida por Politzer (1928/1998).

Assim compreendidas, as postagens em blogs pessoais, enquanto produção humana que narram sobre suas experiências, são consideradas como material passível de ser interpretado psicanaliticamente, possibilitando a criação/encontro de campos de sentido afetivo-emocional.

CAPÍTULO 4

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Tendo em vista explicitar com clareza as estratégias metodológicas aqui adotadas, bem como os pressupostos teóricos que as sustentam, estruturamos este capítulo em três partes. Na primeira parte, intitulada *Fundamentação Teórico-Conceitual*, apresentaremos o caminho realizado para fundamentar o modo como o coordenamos partindo da apresentação de pesquisas qualitativas como possibilidade de compreensão da experiência emocional. Todavia, como este tipo de pesquisa pode ser articulado com várias metodologias, optamos pelo uso do método psicanalítico.

Dedicamos a segunda parte deste capítulo à apresentação dos conceitos fundamentais, sobre os quais embasamos nosso trabalho: *Conduta, campo e experiência emocional*. Assim fazendo, damos mais um passo no sentido de esclarecer ao leitor o que queremos significar quando nos propomos realizar uma investigação que atende exigências da psicologia concreta.

Por fim, em *Procedimentos Investigativos*, cuidamos de expor o modo como temos operacionalizado o método psicanalítico na pesquisa empírica qualitativa tal qual realizada em nosso grupo de pesquisa. Para isso descrevemos quatro procedimentos utilizados, a saber: *procedimento investigativo de seleção* que cobre a atividade comumente denominada de coleta de dados; *procedimento investigativo de registro*, que é a disponibilização do material completo utilizado para a pesquisa; *procedimento investigativo de interpretação* das postagens assinadas por internautas que se identificam como mulheres e mães com vistas a criar/encontrar os campos de sentido afetivo-emocional que subjazem as condutas e, por fim, o *procedimento investigativo de interlocuções reflexivas* no qual suspendemos o uso do método psicanalítico e revisitamos nossas interpretações à luz do pensamento teórico de outros autores, psicanalíticos ou não, para voltarmos-nos a um trabalho intelectual de caráter reflexivo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-CONCEITUAL

O presente estudo perfila-se entre vários outros realizados no contexto do Grupo de Pesquisa Capes/CNPq *Atenção Psicológica Clínica em Instituições: Prevenção e Intervenção*, a partir da proposta de investigar o sofrimento social de indivíduos e grupos por meio do conhecimento do imaginário coletivo ou da experiência emocional, sendo o segundo a ser utilizado nesta dissertação.

O uso da pesquisa qualitativa como aqui proposto é fundamental para uma aproximação do sentido do drama vivido, destacando-se em um paradigma que inclui uma série de enfoques de pesquisas de áreas humanas e sociais que contam com abordagens hermenêuticas, reconstrutivas ou interpretativas (Flick, 2008/2011). A pesquisa assim concebida considera os sujeitos desses dramas, alinhando-se a ideias politzerianas e blegerianas. Desse modo, a articulação de nossas pesquisas harmoniza-se com a opinião de Parker (2006), que defende que este tipo de pesquisa deixa de tomar o comportamento, no sentido behaviorista, como alvo para se concentrar no estudo interpretativo, na compreensão da ação e da experiência humana.

Tal ponto de vista parece também ser defendido por Turato (2000), que afirma que, para o pesquisador qualitativo não bastam os fatos, é preciso a imaginação, que a seu ver se encontraria na base da interpretação para compreender o que eles querem dizer para os indivíduos e para a cultura. Portanto, remetemo-nos à ideia de que, muito embora na pesquisa qualitativa haja abordagens diferenciadas (Aiello-Fernandes, Ambrósio & Aiello-Vaisberg, 2012; Banister et al., 2011; Flick, 2008/2011), adotamos um paradigma que abrange enfoques que convergem na medida em que buscam voltar-se aos atos humanos em termos de seus significados e sentidos.

Nesse contexto, o uso da psicanálise em pesquisas qualitativas se apresenta como uma opção potencialmente produtiva. Todavia, é importante lembrar que parece haver mais de

um modo de empregá-la. Na verdade, o próprio surgimento da psicanálise se deu, efetivamente, quando a hipnose foi abandonada e a associação livre de ideias foi proposta aos pacientes de Freud (1895/1996; 1914[1916]/1996), que assim consagrou a invenção do método. Importante destaque sobre a importância da dimensão investigativa da psicanálise foi feita em 1923[1922] quando Freud, em *Dois verbetes de enciclopédia*, escreve sobre sua criação:

(1) de procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo. (2) um método, (baseado na investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica. (Freud, 1923[1922]/1996, p. 287).

Assim, a partir da definição do próprio autor, a Psicanálise deve ser considerada como um método investigativo⁸, do qual deriva uma técnica e uma teoria. Podemos também ter um melhor panorama sobre a operacionalização da psicanálise quando lemos o verbete “psicanálise” de Laplanche e Pontalis (1992):

a) Um método de investigação que consiste essencialmente em evidenciar o significado inconsciente das palavras, ações, das produções imaginárias (sonhos, fantasias, delírios) de um sujeito. Este método baseia-se principalmente nas associações livres do sujeito, que são a garantia da validade da interpretação. A interpretação psicanalítica pode estender-se a produções humanas para as quais não se dispõe de associações livres.

b) Um método psicoterápico baseado nesta investigação e o especificado pela interpretação controlada da resistência, da transferência e do desejo. O emprego da psicanálise como sinônimo de tratamento psicanalítico está ligado a este sentido; exemplo: começar uma psicanálise (ou uma análise).

⁸ O leitor pode notar que no verbete freudiano o termo usado, para se referir à investigação é procedimento. Já Laplanche e Pontalis (1992) substituem este termo por método, opção terminológica atualmente predominante no campo das pesquisas qualitativas (Aiello-Fernandes, Ambrosio & Aiello-Vaisberg, 2012).

c) Um conjunto de teorias psicanalíticas e psicopatológicas em que são sistematizados os dados introduzidos pelo método psicanalítico de investigação e de tratamento (p.495).

Herrmann (1979/2004) aborda a questão de a psicanálise ser, antes de mais nada, um método, cujo emprego produz teorias e conforma procedimentos clínicos. A partir dessa compreensão, fundamenta a realização de pesquisas acadêmicas que não usam apenas material de atendimento clínico, na esteira, diga-se de passagem, do que já fizera o próprio criador do método quando abordou obras artísticas e literárias.

De forma didática, Herrmann (1979/2004) articula três diferentes formas de uso da psicanálise em pesquisas – para apontar criticamente que apenas uma dessas formas poderia ser legitimamente considerada como investigação psicanalítica.

A primeira corresponde a pesquisas teóricas, que trabalham com textos e seu objeto de estudo é o próprio texto psicanalítico. Correspondendo ao uso de método hermenêutico, de caráter filosófico, voltados à interpretação de textos. A segunda forma abrange pesquisas que se alinham aos pressupostos da perspectiva quantitativa. Nestas, o material é produzido mediante o uso de instrumentos, tais como questionários, testes e escalas, cujos resultados são discutidos à luz de teorias psicanalíticas já estabelecidas. Por fim, a terceira modalidade de pesquisas, que se reivindicam como psicanalíticas, são aquelas que se definem não pela adesão a esta ou aquela teoria, mas por meio do método psicanalítico. Neste último caso, a atenção flutuante e a associação livre são colocadas em marcha em diversas fases do processo investigativo, que utiliza material produzido dentro ou fora de *settings* de atendimento.

Os trabalhos realizados em nosso grupo de pesquisa baseiam-se no último modelo apresentado por Herrmann (1979/2004) e, para tanto, utilizamo-nos de suas palavras de ordem metodológica: *deixar que surja, tomar em consideração e completar a configuração de sentido*. Tais palavras de ordem servem para 1) facilitar a formação de novos pesquisadores e 2) para explicar com clareza as nossas pesquisas para os leitores que adotam

outras perspectivas teóricas, tornando-se assim, um caminho facilitador.

A bem da realidade, seguir tais palavras de ordem retratam a forma como o psicanalista/pesquisador se coloca diante das manifestações de conduta que estuda. *Deixar que surja* tem a ver com receptividade ao fenômeno em estado de atenção flutuante, vale dizer, deixando-se impactar emocionalmente de modo passivo. *Tomar em consideração* é dar início a um movimento de valorização do impacto – que substitui a atitude rotineira de se esquivar ou de reagir quando o outro nos atinge de algum modo. *Completar a configuração de sentido* é um processo de permitir que a lógica emocional subjacente à conduta impactante possa vir à luz (Herrmann, 1979/2004).

Portanto, é por intermédio desse caminho facilitador, como proposto pelo autor acima, que realizamos a interpretação psicanalítica de produções humanas com vistas a “criar/encontrar” campos de sentido afetivo-emocional, o que possibilita, neste trabalho, nossa investigação acerca da experiência sobre ser mãe veiculada em blogs brasileiros.

CONDUTA, CAMPO E EXPERIÊNCIA EMOCIONAL

Definindo nosso trabalho como pesquisa qualitativa com uso do método psicanalítico, resta-nos esclarecer de que modo pretendemos tratar as interpretações que viremos a produzir, pois, como sabemos, o mesmo método suporta teorizações clínico-dramáticas ou especulativo-metapsicológicas. Optamos, alinhadas às indicações da psicologia concreta de Bleger (1963/1984), leitor de Politzer (1928/1998), pela primeira dessas duas possibilidades.

Partimos de Politzer (1928/1998), filósofo húngaro que se inquieta com a ideia de uma psicologia clássica, a qual ele denomina psicologia de terceira pessoa e que separa fatos psicológicos de seus sujeitos. Por meio de sua crítica ao paradigma vigente, o autor tem a intenção de disseminar o conceito de uma psicologia que considere fatos psicológicos e sujeitos como unos, ou seja, em primeira pessoa, colocando assim o sujeito como

indissociável de suas ações.

Considerando tal necessidade como possibilidade de abordar as manifestações humanas como atos de pessoas concretas, Politzer (1928/1998) aponta que “... o ato do indivíduo concreto é a vida, mas a vida singular do indivíduo singular, isto é, a vida no sentido dramático do termo” (p. 47), propondo, então, que as noções da psicologia permaneçam “no plano do drama: os fatos psicológicos deverão ser os segmentos da vida do indivíduo particular” (p. 67). Tais segmentos são acessíveis ao psicólogo pelo relato do paciente ou do participante de pesquisa científica, afinal, como escreve Politzer (1928/1988):

Por ser o fato psicológico um segmento da vida de um indivíduo singular, não é a matéria nem a forma de um ato psicológico que interessa, mas o sentido deste ato, e isso não pode ser esclarecido senão pelos materiais que o sujeito fornece no relato. (p. 85)

Logo, considerando o relato do paciente como o material que viabiliza acesso ao seu drama, ou seja, à concretude da sua experiência, Politzer (1928/1998) encontra na psicanálise a possibilidade de rompimento com o paradigma vigente, pois tal ciência considera, por meio da associação livre, a narrativa do sujeito como um todo, tal qual o sonho não se separa do sujeito que sonhou.

Concordando com o pensamento politzeriano, Bleger (1963/1984) afirma que não é possível separar os sujeitos de suas ações, sugerindo que se pode viabilizar o estudo deste homem dito concreto por meio da abordagem de sua conduta, que seria, a seu ver, o fenômeno central de todas as ciências humanas, nelas incluída, evidentemente, a psicologia:

Nosso estudo da conduta se faz em função da personalidade e do inseparável contexto social, do qual o ser humano é sempre integrante; estudamos a conduta em qualidade de processo e não como “coisa”, quer dizer, dinamicamente. (Bleger, 1963/1984, p. 25)

Compreendemos, portanto, que condutas são sempre manifestações ou produções humanas, sejam elas individuais, coletivas ou sociais e que invariavelmente estão ligadas ao

contexto vivencial do sujeito. Segundo Bleger (1963/1984):

A conduta do ser humano não emerge de algo interior e que se desprega num externo; não há que buscar num “dentro” o que se manifesta “fora”. As qualidades de um ser humano derivam sempre de sua relação com o conjunto de condições totais e reais. O conjunto de elementos, fatos, relações e condições constitui o que se denomina *situação*, que cobre uma fase ou um período, um tempo. (p. 35)

Para o autor, as condutas emergem do campo em que acontecem e não da interioridade daquele que as expressa. Entendemos, portanto, campo como uma configuração hipotética em um dado momento. Bleger (1963/1984) subdivide o campo em ambiental e campo psicológico. O ambiental é uma situação tal como poderia ser vista de fora, incluindo as normas e pautas sociais.

Já o campo psicológico emerge de uma situação total, incluindo a pessoa, suas experiências e história passadas e o que está acontecendo naquele momento, considerando todos os prismas em que tudo isso se dá – histórico, social, político, econômico, vincular, etc. Assim, modifica-se a compreensão do inconsciente freudiano, que passa a ser entendido, deste ponto de vista, não mais de maneira intrapsíquica.

Logo, do ponto de vista blegeriano, a dimensão não consciente da conduta é, essencialmente, intersubjetiva e passa a ser compreendida como mundos transicionais, percorridos ou habitados por pessoas e grupos. Denominamos tais mundos transicionais como *campos de sentido afetivo-emocional* e os consideramos como regras lógico-emocionais que orientam e organizam as condutas dos seres humanos, como afirmam Aiello-Vaisberg e Ambrósio (2006):

Campos de sentido afetivo-emocional são regiões de sentido que se configuram a partir de regras e ordenação próprias, para se constituir como substrato afetivo-emocional de todas as condutas humanas. Tais campos, vale notar, são o fundo a partir do qual emergem todas as manifestações de conduta que, por seu turno, produzem novos campos (p. 12)

Segundo a nossa perspectiva, a produção de conhecimento acerca da compreensão da experiência emocional dos seres humanos consiste na interpretação psicanalítica de condutas com vistas à criar/encontrar campos de sentidos. Contudo, quando utilizamos o termo criar/encontrar campos, não consideramos que eles estão esperando para ser encontrados e sim que são criados na relação, ou seja, surgem no encontro entre participantes, pesquisadores e produções humanas, tais como os desenhos, as histórias, as obras de arte ou, como no caso dessa pesquisa, postagens em blog. Ambrósio e Aiello-Vaisberg (2014) explicam que:

os campos não são entidades que preexistem, de modo absoluto, sob forma ontologicamente independente, aguardando para serem descobertas e decifradas pelo psicanalista, mas sim, que são criados/encontrados na relação, guardando, dessa forma, uma natureza absolutamente vincular, inclusive porque a presença do profissional é parte integrante do campo transferencial (p. 126)

Desse modo, com a criação/encontro de sentidos e a consideração de uma interlocução com a literatura científica, teremos uma compreensão do que o conjunto de condutas evidencia sobre um determinado tema. Estamos, nesse âmbito, realizando uma investigação sobre experiência emocional.

Sendo o conceito de experiência amplamente utilizado nas ciências humanas, a partir de perspectivas distintas e com sentido diverso, cabe explicitar precisamente o que compreendemos por experiência emocional. Definimos experiências emocionais como modos de habitar dramática e concretamente campos de sentido afetivo-emocional, compreendidos como ambientes inter-humanos povoados de forma transitória ou duradoura por indivíduos e grupos (Corbett, 2014).

Fazendo uso destes conceitos, pretendemos operacionalizar adequadamente as exigências da psicologia concreta, tecendo teorizações maximamente próximas à vida das pessoas (Bleger, 1963/1984; Politzer, 1928/1998). Assim, admitimos que as manifestações

humanas, que na presente investigação comparecem sob forma de postagens em blogs, não são meras exteriorizações do psiquismo individual, mas emergentes de campos relacionais, cujo caráter é fundamentalmente intersubjetivo, relacional e não consciente.

Assim, nosso trabalho aborda o fenômeno humano voltando o olhar para o estudo de um conjunto de condutas sobre a experiência emocional de ser mãe por meio do material considerado. Cada postagem é considerada como narrativa da experiência que estas mulheres vivenciam com a maternidade, o que equivale, como material clínico, às associações livres do paciente individual. Essa transposição pode ser feita rigorosamente pelo conceito de âmbito da conduta (Bleger, 1963/1984).

PROCEDIMENTOS INVESTIGATIVOS

Buscando facilitar o intercâmbio com pesquisadores qualitativos que adotam diferentes abordagens teórico-metodológicas, informamos que temos operacionalizado o uso do método psicanalítico em termos da diferenciação de procedimentos investigativos. Nesta pesquisa: 1) procedimento investigativo de seleção do material, 2) procedimento investigativo de registro do material, 3) procedimento investigativo de interpretação do material e 4) procedimento de interlocuções reflexivas.

No primeiro passo, correspondente ao *procedimento investigativo de seleção do material*, adotamos como critérios para a inclusão de postagens de *blogs*: 1) relatar a experiência da maternidade, 2) ter sido publicada durante um período de tempo pré-fixado e 3) estar disponível em *blogs* pessoais, nacionais e sem fim lucrativo.

O primeiro critério deriva, evidentemente, do próprio interesse de pesquisa, da delimitação do problema e do estabelecimento do objetivo, conforme apresentado no primeiro capítulo desse trabalho.

O segundo critério revelou-se necessário a partir dos primeiros levantamentos,

efetuados a partir do site de procura Google, acionado a partir da expressão “experiência da maternidade”. O fato de nos defrontarmos com um material surpreendentemente volumoso, composto de 64 páginas com 20 entradas cada uma, apontou para a necessidade de uso de um filtro que permitisse a configuração de um *corpus* mais facilmente abordável dentro dos prazos institucionais de um mestrado. Optamos por utilizar um filtro temporal, delimitando o período de 01 a 30 de setembro de 2015. A escolha de tal data se deu por serem estas as postagens mais recentes na etapa de pesquisa em que nos encontrávamos.

O material obtido a partir deste filtro temporal foi minuciosamente examinado com vistas ao atendimento do terceiro critério. Nesse processo, excluimos blogs patrocinados, fossem eles de organização não governamental, de especialidades ou de pessoas renomadas/populares, pois, apesar de terem sido encontrados por meio da expressão “experiência da maternidade”, não correspondiam a relatos de pessoas sobre sua experiência de ser mãe. Finalmente, o resultado do procedimento de seleção de material assim articulado nos forneceu a soma de dez postagens a serem utilizadas nesse trabalho.

Com o *corpus* selecionado em mãos, cuidamos de cumprir o *procedimento investigativo de registro* do material. Esse se concretizou com o acesso às postagens para salvá-las em formato .doc, seguido de uma revisão em sua completude para excluirmos itens que possibilitassem a identificação de suas autoras. Dessa feita reunimos todas as 10 postagens com vistas a compor o quarto capítulo da presente dissertação.

Posteriormente realizamos o terceiro passo, o *procedimento investigativo de interpretação* do material. Esse é o procedimento por meio do qual colocamos em marcha o método psicanalítico, pois, aqui, para realizarmos tal trabalho, utilizamo-nos das premissas fundamentais da psicanálise: a associação livre e a atenção flutuante. Consideramos como associação livre, nessa pesquisa, o material selecionado, ou seja, as postagens em blogs, e, por meio de sua leitura em estado de atenção flutuante, o psicanalista-pesquisador realiza a

tarefa de interpretá-las psicanaliticamente. Segundo Aiello-Vaisberg (1999):

... são as mesmas recomendações psicanalíticas, no sentido de permitir ao paciente que o que venha à mente seja comunicado de modo solto, livre e sem censura, conhecidas como associação livre que tem sua contrapartida na assunção deste especial estado de atenção por parte do analista. (p. 256)

Esse movimento segue as recomendações Herrmann (1978/2001) que se dá por meios do uso das suas palavras de ordem metodológicas “deixar que surja”, “tomar em consideração” e “completar a configuração de sentido”.

Assim, o conjunto do material foi lido sucessivas vezes, enquanto, busca do cultivar atenção flutuante, anotamos, por escrito, nossas próprias associações de ideias e impactos contratransferenciais. Na sequência, as postagens, juntamente com as anotações, foram tomadas em consideração, o que proporcionou a criação/encontro interpretativo dos campos de sentido afetivo-emocional que as sustentam. Tal processo foi repetido no contexto do grupo de pesquisa, não com o intuito de chegar a um tipo de consenso, mas visando enriquecer o processo interpretativo através de múltiplos olhares.

Por fim, após criarmos/encontrarmos os campos de sentido afetivo-emocional, partimos para o *procedimento de interlocuções reflexivas*, etapa habitualmente intitulada, em pesquisas quantitativas ou qualitativas, que usam outros referenciais, como discussão de resultados. Como sabemos, a retomada das interpretações, é etapa essencial do processo investigativo. Neste momento, operamos uma suspensão, da atenção flutuante e da associação livre, para realizar um trabalho reflexivo sobre os campos, à luz de teorias e pensamentos de diferentes estudiosos, psicanalíticos ou não. Ou seja, procedemos a uma interlocução com autores que se voltaram a questões próximas ou idênticas àquelas apontadas pelos campos de sentido afetivo-emocional, considerando que pode ampliar nossa capacidade de compreensão do fenômeno estudado que, no presente caso, é o da experiência de maternidade.

CAPÍTULO 5

POSTAGENS SELECIONADAS

Apresentamos, no presente capítulo, o material selecionado de acordo com os procedimentos investigativos adotados em nossa pesquisa. Segue tabela com títulos criados interpretativamente bem como sua localização em termos do número da página inicial de cada postagem.

Tabela 9 – Relação de postagens selecionadas

Postagem	Título	Página
Postagem 1	Tudo Passa.	69
Postagem 2	Reino encantado.	71
Postagem 3	Se ela pode, eu posso. Posso?	73
Postagem 4	Ter filhos não é destino, é escolha!	77
Postagem 5	A ajuda bem vinda.	83
Postagem 6	Metamorfose maternal.	88
Postagem 7	Dificuldade e adaptação.	91
Postagem 8	Instinto maternal?	94
Postagem 9	Mulher do século XXI.	95
Postagem 10	Loucura sã?	98

Antes, porém, informamos, conforme encontrado nos próprios blogs, que as postagens são escritas por pessoas que se declaram mulheres e mães. Dentre elas, cinco mulheres têm um filho, duas mulheres têm dois filhos e uma mulher tem três filhos e, por fim, duas mulheres não mencionam a quantidade de filhos. Também, ainda de acordo com as informações desses blogs, tais mulheres declaram-se profissionais atuantes e nomeiam suas atividades da seguinte forma: jornalistas (duas), psicóloga (uma), dermatologista (uma), enfermeira (uma), doula (uma), publicitária (uma), arquiteta (uma), advogada (uma) e, por último, uma mulher que se declara autônoma.

POSTAGEM 01 - TUDO PASSA

Estava lendo um texto lindo, chamado “A última vez que lavei seu cabelo“, sobre uma mãe de sete filhos que percebe que a última filha não precisa mais de ajuda pra lavar os cabelos. Enfim, se tornou independente para tomar banho, e mãe não é mais necessária. A gente nunca imagina que esse dia vai chegar, mas ele chegará.

A mãe fica abalada, mas diz que é um sinal para que a gente saiba que tudo passa, e que devemos aproveitar cada momento para guardar na memória materna – pra sempre. Os dias bons e os ruins também passarão. Ela não precisará mais de fraldas. Nem de que você a leve ao banheiro. Um dia, irá tomar banho sem ajuda. Comerá sem ajuda. Não vai mais te pedir água a cada meia hora. Irá sair sozinha...de carro. Sem te pedir pra levá-la. Um dia não irá voltar mais pra casa a noite, dormirá fora. Irá estudar. Mudará de casa, de cidade, de país.

Amamenteei minha primeira filha por um ano, e achei tão cansativo. Eu sabia que era bom pra ela, e continuava, mas achava tão difícil. Tão desgastante acordar de hora em hora. A noite toda. Hoje ela dorme a noite inteira.

De manhã, ela pegou um copo (não sei onde), abriu a geladeira, pegou uma garrafa de suco e colocou no copo. Chegou na sala bebendo já.

— Mas, filha, onde você pegou isso?

— Ué, mãe, na geladeira. Tava com sede.

Lembro que está na hora do banho, peço as duas para irem pro banheiro. Chego lá já estão sem roupa, chuveiro ligado.

— Mãe, tá quente, arruma pra gente.

Ainda joga shampoo no cabelo delas, mas as duas sabem pegar as bucinhas, sabonete, e tomar seu banho. Ouço o chuveiro desligar e vou lá, secá-las. A pequena me empurra:

— *EU SEI, MAMÃE.*

Tento colocar uma roupa, uma meia. Ela grita. E ela só tem dois anos.

— *EU CONSIGO, MAMÃE.*

E aí penso que estou, aos poucos, me tornando desnecessária, exatamente como é pra ser com as crianças espertas e vivas que tentamos tanto criar. Elas conseguem, mãe. Deixa elas. Eu passo aos poucos de ser uma mãe necessária, para uma mãe que observa. Elas ainda não me expulsam do quarto, mas essa fase vai chegar. A de 11 anos, minha enteada, já se troca no banheiro, sozinha. Nunca mais pediu ajuda para se lavar, como fazia quando cheguei. Sai do quarto maquiada, eu assusto (“tá tão bom o rímel...onde aprendeu?”).

Outro dia procuramos no Google soluções para cabelo fino embaraçado (ela sempre me pede para penteá-la porque tem muitos nós no cabelo fininho). Aí já faz um mês que ela aprendeu a se livrar dos muitos nós dos seus muitos cabelos.

— *Ma, não precisa pentear?*

— *Não, Cá, já consegui. Tô seguindo o que lemos no Google.*

Perdi pra internet, gente.

Como diz o texto bonito que li, existe um último tudo.

A última vez que você brincou de boneca com ela. A última vez que ajudou a lavar os cabelos. A última vez que levou e buscou na escola. A última vez que trocou uma fralda, a última vez que amamentou. Resta saber quem seremos, nós, desnecessárias mães, no dia que for o último dia de tudo.

Depois desse texto, pensei em incomodar mais minha mãe que mora longe de mim. Vou ligar pedir alguma coisa pra ela. Um paninho de boca pro novo bebê. Pra ir no cartório pra mim, quem sabe. Aquele bolo que eu gostava.

Vou ligar e pedir alguma coisa, tá bem? Faz 16 anos que saí de casa.

Não deve ter sido muito fácil.

POSTAGEM 02 – REINO ENCANTADO

Era uma vez uma mulher de 25 anos. Quando engravidou, passou a viver num reino muito especial – conhecido como “reino encantado da maternidade“! Ele é povoado por mulheres que têm filhos. Só elas vivem ali! Umam ajudam as outras, claro, mas cada uma é responsável por vivenciar a própria maternidade – e se surpreender com descobertas diárias! Portanto, a partir dali, essa mãe sabia porque as mulheres deste “povoado” eram tão, tão... felizes! E cansadas.

Dos primeiros sintomas, aos primeiros sinais do parto, tudo foi experimentado com muita felicidade! E, assim, aos 26, ela teve seu primeiro bebê, um menino. Com ele, vieram as primeiras lágrimas de amor incondicional, de emoção diante de um bebê, de responsabilidade em cuidar de alguém tão precioso e indefeso, de alegria por experimentar absolutamente tudo pela primeira vez, de exaustão depois de noites em dormir! Da primeira mamada aos primeiros passos, descobertas inesquecíveis!

Passaram-se quase seis anos e um teste de farmácia anunciou a segunda gravidez! Pasmem, não parecia a segunda! Pra começar, ela descobria a gravidez com um teste de farmácia – e não com um ultrassom como foi da outra vez... Tudo tão diferente e tão novo! Cada sintoma até o trabalho de parto, e o parto (dessa vez sem analgesia!)... E mais uma primeira vez: como mãe de menina!

É, esse reino é de dar borboletas no estômago e, dizem, de fazer o coração bater fora do peito!

Já passaram onze meses e muita coisa na vida desta mãe! Muitas delas já tinham acontecido quando ela teve o primeiro bebê, é verdade, mas todas são agora experimentadas por uma mulher em outra fase da vida, morando em outra casa, vivendo outra rotina, e com a cor rosa como pano de fundo... Sem falar que ela é mãe de dois – e isso já é uma baita de uma nova experiência!

É, nesse reino, cada filho é único – e faz as mulheres terem outras tantas sensações – incluindo o cansaço além daquele que já conhecido! Talvez por isso, um dia, essa mamãe se olhou no espelho (que não é mágico, mas que fala muita coisa!), e perguntou quão feliz ela realmente era...

Afinal, vale a pena fazer parte do reino?

*O espelho refletia uma mãe cansada, descabelada, com a roupa molhada depois de dar banho na bebê mais nova (e com a pequena acoplada nos braços inclusive). Até aí, a resposta parecia óbvia. Mas ela insistiu, e ele revelou a mais pura verdade. Uma mãe com olheiras e vontade de dormir, mas com um brilho no olhar que nenhuma outra criatura deste mundo pode ter, a não ser aquelas da mesma espécie. **Mães!** Elas costumam estar cansadas boa parte do tempo, principalmente quando adentram o reino. Mas são verdadeiramente felizes! Exatamente por terem o privilégio de habitar um lugar surpreendente, onde podem experimentar tanta coisa; algumas complicadas, todas especiais!!!*

Moral da história? Quando a gente tem filhos, passa a viver uma linda e surpreendente...vida de mãe! Você recebe a mais importante (e gratificante) missão: proteger, cuidar e amar alguém muito especial! A partir de então, você busca cumprir a tarefa da melhor maneira; escolhendo a melhor posição pra amamentar, o melhor jeito de fazer dormir... E cada decisão, por menor que seja, passa a ter grande importância na sua vida – até mais do que na dos seus filhos.

*E, não importa se é seu primeiro ou quarto filho, a partir dali, tudo faz parte de um “encantamento” sem fim! E tem mais... **Não é conto de fadas**, é preciso dizer, **mas é como se fosse**, preciso lembrar... E não há quem discorde; por maior que seja o “perrengue”, você conhece a felicidade pra sempre*

Por isso, tenho orgulho de dizer: essa mãe sou eu!

POSTAGEM 03 – SE ELA PODE, EU POSSO. POSSO?

Daqui a quatro dias meu bebê vai completar nove meses. O mesmo período simbólico que ficou dentro da barriga. Isso quer dizer que temos 18 meses juntos, ou em outra perspectiva um ano e meio de convívio intra e extrauterino.

Como fica a vida de uma mulher depois da maternidade?

Ainda estou formulando essa resposta com a vivência nossa de cada dia. Talvez eu nunca consiga responder em definitivo.

Todo mundo fala que filhos são “problemas” eternos. Passam os meses e os anos, eles chegam a idade adulta com os nossos pensamentos trabalhando como se eles permanecessem frágeis e indefesos.

Em outros textos eu havia pincelado e prometido escrever esse assunto que é um tanto perturbador.

Já rascunhei uma ideia que cada mulher vive a maternidade de uma forma única e exclusiva(publiquei no instagram). Pois cada mulher é diferente em gostos, estilos e histórico.

*Hoje que sou uma observadora constante da vida das mães e seus relacionamentos com os filhos, posso dizer que **não existe padrão**. Existe grupos que se identificam, mas não há fórmula digna de control C, control V. Ou seja, não dá para igualar e logicamente se comparadas as mães, haverá um abismo de discrepâncias.*

Sempre me pergunto, como a fulana consegue maternar e ir ao salão fazer as unhas, fazer bronzamento artificial, drenagem, crossfit, meditação, compras e viajar há cada vinte dias.

Sempre me pergunto como a beltrana consegue cuidar de três filhos sozinha, sem uma babá, empregada, ou diarista, fazendo almoço e janta, lendo para os filhos antes de dormir e mantendo o casamento como no início de namoro.

Sempre me pergunto como a sicrana sai para trabalhar as seis da manhã, deixa os

filhos de quatro meses e um ano na creche e os busca somente sete da noite, quando ainda tem tempo para fazer dieta, fazer croché, pintar quadros e fazer trabalho social.

As realidades são distintas. Apenas uma coisa é igual: todas amam seus filhos e querem o melhor para eles. Partindo desse ponto em comum, as mulheres se esforçam dentro das suas possibilidades e convicções para dar conta da tarefa da maternidade.

É sabido que a maternidade muda uma mulher. A frase de propaganda “quando nasce um bebê, nasce uma mãe”, tem muita verdade incrustada.

Fatalmente deixamos de lado aquela mulher que fomos até então para nos transformarmos em um alguém que será o maior responsável por outro ser humano. Quer algo mais “metamorfosador” que isso?

As mudanças ocorrem. Sejam as de humor, as de paciência ou de tolerância. Sejam as de rotina, as de sono, ou de alimentação. Elas invariavelmente ocorrem.

Mas não esperemos milagres profundos e prolongados. No fundo, a nossa essência é levada para o cotidiano da maternidade. Não é o cotidiano da maternidade que lapida nossa essência.

Se você nunca gostou de academia, de fazer exercícios físicos ou de se arrumar não vai ser a maternidade que fará você gostar. Se você nunca foi religiosa, nunca frequentou igrejas, templos, ou qualquer culto, não vai ser a maternidade que fará você orar mais. Se você nunca leu um livro, nunca gostou de filmes, de estudar, de aprender alguma coisa nova não vai ser a maternidade que fará você fazer tudo isso.

Logo, se a uma mãe recém-parida com seu bebezinho de três meses, está afoita para ir a academia, ao salão retocar suas luzes, fazer sua unha de gel, sua sobrancelha com design, não foi a maternidade que a fez agir dessa maneira. Ela apenas está deixando fluir o que ela sempre foi e continuará sendo.

Essa mãe hipotética ama seu filho, adora seu bebê. Mas ela adora se cuidar, ir ao

shopping, falar de moda e fofoca das celebridades. Ela vai continuar fazendo tudo isso.

Quando me vejo numa preguiça de vestir qualquer roupa que dificulte o processo de amamentação, tendo que arrumar cabelo, ou só de pensar em fazer maquiagem, entro num processo de inércia.

Refletindo bem sobre a minha situação atual, em que prefiro o conforto de uma sapatilha, do cabelo preso e da cara lavada, concluo que não foi a maternidade que me transformou nessa pessoa.

Na real, eu nunca tive interesse por estas coisas de vaidade e com a maternidade eu apenas pude dar vazão ao meu verdadeiro estilo de vida.

Isso não me faz mais mãe, que aquela que não pode ficar a semana sem ir ao salão, ou que malha 7 vezes por semana e se preocupa em andar atenta ao “look do dia”. Isso diz respeito a minha personalidade, ao meu jeito de ser, que é único e conseqüentemente afetarà minha forma de maternar.

E isso serve para todas as mulheres e mães. Eu não consigo ter a força de vontade que algumas têm para continuarem saindo, viajando, levando uma vida social ativa.

Mas isso sou EU, meu jeito, minha personalidade. Eu fico o tempo todo com meu bebê, muito cansada, as vezes resmungando e pensando: como essa daí consegue? Se essa daí consegue, e a gente não consegue, o que fazer então?

Conscientizar que essa daí não sou eu e não é você. Nem melhor, nem pior que você. É outra pessoa e você é você. Ponto final.

Eu acho que o caminho é deixar os preconceitos de lado e encarar que a individualidade fala mais alto sempre.

Não estou fazendo nada melhor do que ninguém. Estou fazendo a minha parte, conforme minhas limitações e ferramentas. Tenho muito orgulho de cuidar sozinha do meu

filho e não ser mãe de feriado, ou final de semana.

No entanto, eu sei que nem toda mulher pode ficar exclusivamente cuidando de um filho. Existem mil empecilhos, principalmente a questão financeira.

Milhares de mulheres precisam trabalhar para ajudar nas despesas domésticas. Eu nunca imaginei que seria mãe em tempo integral. Vivi até bem pouco tempo achando que eu tinha sido forjada para ocupar outro encargo.

O destino me trouxe para experimentar o vortex da maternidade de maneira intensa, por pelo menos os primeiros 12 meses de vida do meu bebê.

No começo eu achei que seria uma pedra no caminho, um desvio, uma espécie de atraso. Como assim ficar bancando a mamãezinha por um ano em total exclusividade?

Nem preciso dizer que esta oportunidade, foi e está sendo o que o destino poderia ter trabalhado de melhor para a conscientização de quem EU sou.

Para entender o famoso ditado do “CONHEÇA-TE A TI MESMO”!

Quando o Pedro nasceu, eu não nasci como mãe, eu renasci como indivíduo.

Todos os dias ao cuidar dele, tentando entender suas necessidades e seu querer, eu aprendo mais sobre mim mesma.

Existe vida após a maternidade e tudo dependerá de quem você é e sempre foi.

POSTAGEM 04 – TER FILHOS NÃO É DESTINO, É ESCOLHA!

O Post de hoje não é um incentivo às taxas de natalidade, fiquem tranquilos! É apenas uma reflexão sobre essa decisão tão séria e decisiva na vida de um casal. Também, é uma reflexão sobre as grandes exigências que nós mulheres fizemos sobre a hora certa ou a idade ideal para engravidar. Enfim, é um pause na correria para refletir sobre o que significa ter filhos!

Por que ter filhos?

Desde o tempo dos nossos (tatatara milhões de anos) avós existe aquela velha cobrança aos novos (ou “antigos”) casais de que todo mundo precisa ter filhos. É só casar ou “juntar os trapinhos” que as perguntas começam. Enquanto alguns fazem isso mentalmente e educadamente, outros já são totalmente descarados: “Quando vocês irão engravidar?”, “Agora só falta fazer um filho!”, e pior ainda: “Vocês já estão ficando velhos, precisam ter filhos logo!”.

Pessoas do bem, em primeiro lugar vocês sabem como essas cobranças são chatas? Não sabem? Bom, agora vocês ficaram sabendo! É MUITO CHATO, inconveniente e íntimo demais para qualquer um dar “pitaco” onde não foi convidado.

Ter filhos não é uma decisão dos futuros avós, dos futuros tios, das vizinhas ou amigas (pode ter certeza que ninguém vai –e nem deve- criar e cuidar do seu filho depois) e sim exclusivamente do casal. Só depende das possibilidades, da disponibilidade e principalmente do desejos de ser mãe e pai.

Ter filhos não é uma decisão simples, como comprar algo: “se eu enjoar eu troco!”, pelo contrário é para a vida toda, é para 1, 5, 20, 50, 70 anos. Não é para bonito, para dizer que tem, porque é fofo, porque todas as suas amigas já são mães ou porque a idade está chegando e a família cobrando.

Ter filhos é para educar, criar e cuidar. Não é para os avós, muito menos para as

babás. Exige tempo, anulações, privações e exige muitaaa rotina. Sem falar nas noites mal ou bem mal dormidas. Nas comidas frias, choros e gritos constantes e certas vergonhas que aprendemos a conviver.

Você está preparado para isso? Não? Natural, ninguém está! A gente só aprende a ser mãe e pai sendo! Simples assim! O que realmente interessa é você ter noção de que a sua rotina, o seu tempo, as preocupações, os medos, as viagens, os dias e as noites não serão mais as mesmas.

Então, ter filhos é horrível?

Não, ter filhos é a melhor coisa que existe nesse mundo, é o sentimento mais pleno e mais puro que uma mulher pode sentir. É dar a vida, é ser tudo, é ser amado. Não existe um sentimento de amor nesse mundo que se compare, é mágico, é maravilhoso! Contraditório, certo? O que eu estou tentando dizer é que realmente é muito bom e vale a pena, mas ao mesmo tempo é TRABALHOSO e as coisas mudam. É preciso aceitar a mudança em primeiro lugar para aprender a se adaptar a nova rotina.

Converso diariamente com muitas mães e escuto nos primeiros meses uma frase que para quem não tem filhos pode soar estranha: “Se eu soubesse que seria assim, eu não sei se eu teria filhos!”. Toda vez que eu escuto essa frase eu dou risada, pois é normal pensar e sentir isso pelo menos uma vez. Faz parte do cansaço e do processo de adaptação a nova realidade.

Passamos 9 meses apaixonadas pela nossa barriga, mas a gente só conhece o amor real e aprende a amar aquele “serzinho” dependente de nós quando ele nasce. Com o passar dos meses esse amor só se multiplica, é incrível, a gente não entende como é capaz de amar tanto!

Os primeiros meses são os mais cansativos, pois é o primeiro choque, é a grande mudança: a vida sem filhos X a vida com filhos. Conforme o bebê cresce as coisas começam

a entrar “nos eixos”, elas melhoram, elas se organizam e se renovam. Cria-se uma grande sintonia, é um processo natural, dia após dia. É preciso ter paciência e entender que essas dificuldades iniciais fazem parte, que acontecem com todos os pais de primeira viagem (e todos sobrevivem).

Imaginem como o primeiro ano é difícil para o bebê (e mais conturbado ainda para nós). São muitas mudanças e aprendizados ocorrendo ao mesmo tempo.

Começando pelo nascimento, algo assustador, cheio de barulhos, cheiros, pessoas, tudo diferente. O bebê antes de nascer recebia todo o alimento que necessitava sem esforço, era quentinho, protegido, tudo na medida certa. Nesse mundo ele sente frio, calor, dor, sono, fome. O bebê precisa aprender até a mamar, mais tarde a comer e o seu corpo precisa se adaptar a cada um desses processos. O bebê aprende a sustentar a própria cabeça, a sentar, engatinhar, rolar, caminhar, falar, tudo em um curto espaço de tempo.

Imaginem como isso é difícil e diferente para alguém que não é capaz de traduzir em palavras o que sente. É preciso agir com muita empatia e entender que o primeiro ano do bebê exige muito dos pais, mas ao mesmo tempo passa muito rápido. Todo esse esforço com certeza vale a pena, pois as nossas ações nessa primeira infância (até uns 6 anos) podem definir o futuro dos nossos filhos.

Qual é o momento ideal, será que eu estou pronta?

Percebo que as pessoas andam protelando cada vez mais a hora de engravidar, mesmo cheias de certeza e vontade, pois ficam incessantemente buscando o momento certo. Eu concordo que é importante se programar, se estabilizar financeiramente, mas muitas vezes isso acontece por um único motivo: o medo, seja do novo, da mudança, de perder a liberdade, de não “dar conta do recado” e o meu conselho é o seguinte:

Se você tem muitas dúvidas comece a participar da rotina de algum casal que tenha

filhos e imagine o seu futuro, você seria capaz de se adaptar a uma rotina parecida?

Se você pensa, pesquisa, estuda, reflete, realmente se importa com os assuntos que norteiam o universo materno e claro, sente muita vontade de ser mãe, tenha filhos! Você com certeza será uma mãe incrível, a melhor que o seu filho poderá ter. Pode ter certeza que você irá conseguir, você dará conta. Acredite em mim, a gente aprende muito, mas apenas com o tempo, na prática.

É muito importante e valioso ler, pesquisar sobre as fases do bebê, sobre a alimentação, sobre tudo que envolve esse universo, mas não existe estudar para ser mãe ou pai, é apenas dia a dia, pele, calor e prática.

Fique tranquila, você não será menos mãe se não seguir o “manual”. Não será menos mãe se fizer diferente das suas amigas. Você não será menos mãe se sentir inseguranças e medos, mas com certeza será uma ótima mãe se fizer o principal: amar o seu filho e não medir esforços por ele, o resto são apenas detalhes.

Aqui em casa nós sentimos que estava chegando a hora de ter filhos quando começamos a imaginar os nomes que daríamos se tivéssemos um bebê. Quando as lojas de bebê começaram a ficar interessantes e “babávamos” em todas as roupa que víamos. Quando começamos a conversar sobre a educação que daríamos, como e porque faríamos. Quando começamos a ficar muito “tocados” com histórias tristes envolvendo bebês ou muito alegre ao encontrar um. Enfim, quando esse momento chegar você irá sentir e ter certeza!

Então, posso dizer que não existe um momento ideal, existe apenas desejo, vontade e principalmente coragem!

Lembrando que essa decisão deve ser tomada pelo casal, não apenas por um dos membro, pois filhos não “salvam” casamentos (aliás, fazem o oposto em uma relação desgastada), não melhoram a convivência ou mudam as pessoas. Não tenha filhos por você ou para você, por egoísmo, não tenha filhos se você não está pronto para doar mais do que

receber.

Saiba que ele depende de você...

A ligação que uma mãe cria com o seu filho é algo indescritível, é impossível escrever, sequer entender. Engana-se aquele que pensa que o bebê pequeno não sente falta da mãe ou do pai. Engana-se quem pensa que um bebê não percebe a ausência. Os bebês sentem tudo, mas eles se expressam de maneiras diferentes, através do corpo, do brincar, da agressividade, das doenças, dos pesadelos e principalmente do choro. Os bebês sentem as brigas, as discussões, a insegurança, a raiva, a tristeza, o ódio e ao mesmo tempo o amor, o carinho, a atenção, o cuidado.

As crianças não entendem os sentimentos negativos, elas sempre acham que a culpa do que está acontecendo é delas e por causa delas.

Um bebê até o seu 2º ano mais ou menos não é capaz de ficar longe da mãe muitos dias, ele sofre muito, ele não tem estrutura emocional para isso. Até o 1º ano horas já trazem um grande sentimento de abandono e nenhuma presença é capaz de aliviar essa dor.

Dica: Quando você precisar voltar para o trabalho (ou toda vez que precisar se ausentar), é importante sempre explicar para o bebê a situação, assim ele aprenderá que a mamãe vai, mas ela volta: “Eu vou trabalhar filho (a), mas no final do dia a mamãe irá voltar para ficar com você, não precisa se sentir abandonado ou triste, a mamãe logo volta”, converse com o seu bebê. É importante dar tchau para o bebê toda vez que sair, não saia escondido, a criança precisa ver que você vai e volta. Com o passar dos dias ela aprenderá e gravará até o horário que você retorna para casa.

É preciso ter consciência de que ter um filho significa sim abdicar de muitas coisas, mas principalmente abrir mão da nossa tão amada LIBERDADE. Para os bebês os pais significam vida, energia, saúde, calor, amor. É fundamental refletir sobre essas questões e responsabilidades antes de engravidar. Você está colocando uma criança nesse mundo para

quem criar? Afinal, ninguém é obrigado a ter filhos. Nenhuma mulher é obrigada a ser mãe, não está escrito isso nos 10 mandamentos: “é pecado não ter filhos”.

Ter filhos é uma escolha e tem pessoas que simplesmente não querem, “não nasceram” para essa missão e é preciso respeitá-las. Outras (como eu) têm plena certeza de que querem ter filhos “desde o dia em que nasceram”.

Eu tenho uma amiga, por exemplo, que simplesmente ama crianças, mas decidiu que não quer ser mãe. Para mim isso é diferente, até estranho, mas mesmo assim a respeito muito. Confesso que às vezes a gente vive e respira tanto a maternidade que deseja que todo mundo tenha filhos, sem parar para pensar que as pessoas são diferentes.

Filhos filhos não são objetos e merecem serem tratados com muito respeito. Filhos foram feitos para serem criados pelos pais, com muito amor, educação e carinho. Lembre-se de que a responsabilidade é SUA e não da sua família, dindos, tias, primas, amigas, etc.

Você pode optar por não ter filhos, mas se escolher ter faça por merecer! Respeite e ame a criança que você fez e deu a luz.

Não pense que você irá se sentir incrível todos os dias, mas com certeza você se sentirá muito privilegiada e agradecida a todo instante do seu dia. Você descobrirá o verdadeiro sentido da palavra altruísmo. Você irá aprender a se valorizar mais e a valorizar tudo ao seu redor. Reconhecerá Deus e sua grandeza em todos os detalhes. Filhos trazem luz para a nossa vida, trazem amor e principalmente FELICIDADE, ao mesmo tempo muita e extrema RESPONSABILIDADE!

Então, se você leu tudo isso e ainda não desistiu, você está pronta! Brincadeira, todo mundo tem o seu tempo, se respeite em primeiro lugar!

POSTAGEM 05 – A AJUDA BEM VINDA.

Oi gente! Começou a semana e eu estou determinada a tentar aumentar a frequência dos posts aqui no blog. Sei que ando em falta, mas me perdi em alguma coisa nas últimas semanas, que não sei direito o que é, e não tive tempo e nem disposição para escrever. Isso me deixa tão incomodada, porque se agora que estou de licença, com uma pessoa que me ajuda algumas vezes na semana com os cuidados com a casa, vira e mexe me enrolo assim, imagine quando voltar a trabalhar! Imagino que não vai ter jeito e a frequência dos posts, pelo menos até as necessidades das crianças estarem similares, vai cair mesmo. Faz parte da opção que fiz de ser uma mulher multitarefas.

E pegando o gancho, hoje vou escrever sobre um tema que muita gente me pede e, não sei por qual motivo, ainda não escrevi, que é o retorno da licença maternidade. Vou contar sobre a minha experiência com a Nina e as minhas expectativas com o Luli. Mais um post para a tag Vocês que Mandam.

Quando eu ainda estava grávida da Nina a opção de parar de trabalhar estava completamente fora de cogitação. Eu consegui minha independência financeira cedo e não tinha, aliás, não tenho, equilíbrio emocional para lidar com a situação de ter que depender do meu marido para tudo que precisasse, no que diz respeito a dinheiro. Me restava então decidir como faria com a Nina quando retornasse da minha licença, que durou seis meses e mais um mês de férias. Já contei os motivos que me levaram a escolher deixa-la na escolinha, e aí acho que está o fator mais importante que fez a minha volta ao trabalho muito tranquila. Eu fiz uma escolha, não foi uma decisão sem alternativas, como acontece com muita gente.

Eu poderia optar em contratar uma babá ou em parar de trabalhar fora, o que definitivamente não fazia parte dos meus planos. Ficar com os avós também não era opção, pois todos moram no interior. Optei pela escolinha consciente, segura da minha decisão. Sei que para muitas mulheres, o retorno ao trabalho não é opção, é necessidade, e isso já torna

tudo bem mais complicado.

Escolhi um lugar onde acreditei que minha filha estaria bem cuidada e acolhida, e tinha total consciência de que ninguém no mundo cuidaria dela do jeito que eu cuidaria. Isso é mais um fator que quem volta a trabalhar precisa aceitar. As coisas não serem feitas exatamente do nosso modo, não significam que elas estarão mal feitas. É claro que podemos orientar, ensinar, esclarecer o que queremos e o que não queremos, mas temos que baixar as expectativas.

Quando eu retornei da minha licença, a Nina já estava com 7 meses, mas inicie a adaptação na escolinha um mês antes, para que o processo fosse mais tranquilo. Foi uma ótima escolha! Quando voltei a trabalhar eu já estava “acostumada” com a ausência da Nina durante o dia.

Com seis meses eu parei de amamentar, por opção, e isso também tornou as coisas mais tranquilas.

Chegou o dia de voltar ao trabalho e, na época, eu tinha uma pessoa que me ajudava todos os dias da semana. Era uma faz tudo que cozinhava, limpava a casa, cuidava da Nina, ia na feira, quando precisava levava e buscava a Nina na escolinha, quando a Nina ficava doente ficava com ela em casa. Isso ajudou muito no processo todo, porque eu sabia que tinha com quem contar com qualquer imprevisto que pudesse acontecer. A Nina ficava doente com frequência, e eu sabia que tinha alguém de confiança que ficaria com ela, medicaria, daria comida, brincaria.

Quando eu voltava para casa tinha jantar pronto, a casa limpa, e eu podia dedicar todo o meu tempo para a Nina. Em resumo, esse suporte que tive me ajudou muito e foi essencial para que eu amadurecesse, me organizasse, e conseguisse levar a minha vida pessoal em paralelo com a minha vida profissional. Continuei trabalhando e produzindo normalmente no trabalho, tinha dias em que eu chegava tarde, com a Nina já dormindo, mas

estava feliz.

Até que quando a Nina estava com 9 meses eu fiquei doente repentinamente, muito doente, sem força nenhuma de expressão, eu quase morri. No [Blog Minhas Dikas](#), da Katia Ouang, tem a minha história em detalhes.

Esse acontecimento me fez parar, repensar em muita coisa e, desde então, passei por um período super crítico. Ainda contava com ajuda em casa, mas meu gosto pelo trabalho não era o mesmo. Me sentia desmotivada, culpada, sobrecarregada, queria largar o emprego, achava que tinha passado pelo que passei por querer dar conta de tudo e não me cuidar, e colocava toda a culpa disso no trabalho. Foi nessa época que criei o blog.

Quando a Nina completou 1 ano e 4 meses minha empregada foi embora. Me vi totalmente perdida! Se eu estava me sentindo perdida e desmotivada, nesse momento parece que meu mundo caiu. Mas foi nessa dificuldade que minha vida deu uma reviravolta e eu me tornei a pessoa que vocês conhecem hoje. Que trabalha, cuida da casa, das crianças, não tem ajuda todos os dias, mas é alguém muito mais feliz e realizada!!!!

Foi um processo doloroso, onde contei com ajuda de pessoas queridas ao meu redor e onde aprendi que eu não poderia e nem precisaria ser perfeita em tudo que faço. Foi quando comecei a pesar as coisas, a dar o máximo em cada coisa que eu fazia no trabalho, mas a não querer mais abraçar o mundo. A perceber que a qualidade do tempo é muito mais importante que a quantidade, e que eu posso sim ter um tempo de qualidade com meus filhos enquanto cozinho e eles me ajudam, por exemplo. Que ser uma mãe dedicada e proporcionar boas lembranças para os meus filhos não é só estar sentada com eles brincando depois de um dia cansativo. A presença conta muito mais do que estou efetivamente fazendo.

Bom, em resumo, o meu retorno da licença da Nina foi totalmente tranquilo, passou por um período conturbado, e voltou para a calma, que é o que vivi até a chegada do Luli. Claro que ter o suporte de uma empresa que me permite certa flexibilidade de horários, fazer

home office vez ou outra, que respeita os colaboradores como seres humanos e entende as necessidades das mulheres que também são mães ajuda absurdamente! Se não fosse assim, provavelmente eu não teria levado tão de boa.

Agora, com o Luli, as coisas já acontecem em um cenário totalmente diferente! Já é certo que ele também irá para a escolinha em período integral, assim como a irmã, a reserva de vaga já foi inclusive paga. A possibilidade de eu parar de trabalhar continua fora de cogitação. Diferente de muitas mulheres, eu estou em uma posição na empresa em que parar de trabalhar traria muito impacto no estilo de vida aqui de casa e tenho certeza que isso traria muito estresse para mim e meu marido. Admiro e acho as mulheres que deixam carreiras promissoras em prol da família muito corajosas, mas definitivamente, eu não tenho essa coragem.

Não terei como iniciar a adaptação do Luli um mês antes de retornar ao trabalho, já que o período em que ele completa seis meses, é quando a escolinha entra em recesso de final de ano. Terei no máximo uma semana de adaptação com ele antes de voltar a trabalhar, e confesso que isso me dá um friozinho na barriga, mesmo já tendo vivido essa experiência uma vez.

Outro fator é que não sei se ele estará “desmamado” quando começar a frequentar a escolinha, pois o desenvolvimento dele é completamente diferente do da Nina e não sei ainda quando e de que forma farei o desmame. Aprendi realmente viver uma coisa por vez e ainda não penso nisso. Então não sei como seria a logística de extração de leite, caso ainda esteja amamentando.

Quando eu retornar também não terei mais ajuda todos os dias para apelar em qualquer dor de barriga, o negócio vai estar nas minhas mãos e nas mãos do meu marido, o que não me assusta, pois já vivemos assim desde que a Nina tem 1 ano e 4 meses e tem funcionado bem. Descobrimos o quanto somos fortes e parceiros e podemos contar um com o

outro. Além disso, o impacto na vida familiar com a chegada do segundo filho é infinitamente menor que o impacto com a chegada do primeiro.

Além disso, minhas noites não serão mais exclusivas para meus filhos, porque quando chegar vou precisar cuidar dos dois, preparar algo para comermos, preparar mala da escola do dia seguinte, às vezes concluir algum trabalho inacabado, enfim... coisas, coisas e coisas sem fim para fazer.

Porém, apesar de todas essas questões, hoje me sinto uma pessoa muito mais madura e preparada para enfrentar tudo isso sem pirar. Óbvio que tenho, e com certeza terei, meus momentos de loucura, de gritos, de descontrole, porque sou de carne e osso e ninguém é de ferro, mas não me assusto não. Tenho plena consciência de que vai ser punk, cansativo, puxado, mas que também será recompensador.

É uma fase que passa rápido, não é um desgaste eterno, então, acho que vale a pena. Quando eu estiver vivendo na pele eu volto para contar...rs.

POSTAGEM 06 – METAMORFOSE MATERNAL

O período gestacional é uma fase de muitas mudanças. O preparo para receber um novo membro da família, as mudanças hormonais, físicas e sociais são apenas o início de toda a transformação que irá ocorrer após o parto.

Por experiência posso dizer que nem tudo se deve simplesmente à nova adaptação hormonal do corpo no período puerperal. Todas as modificações da nossa vida, influenciam em muito para os sentimentos confusos que apresentamos.

Eu simplesmente não via ninguém me olhando com os mesmos olhos, e como no espelho não via uma pessoa bonita, mas sim um abdome flácido e uma cintura de dimensão muito maior; entendia que esses olhares diferentes eram de julgamento negativo sobre a minha beleza e à minha mais nova atribuição: mãe.

Foi uma fase realmente difícil, mas meu amor, que se iniciou de maneira instintiva (como uma responsabilidade inata), foi se transformando e crescendo a cada segundo da minha vida materna e com o crescimento da minha filha. Hoje é realmente o maior amor do mundo, e continua crescendo a cada dia. Isso é realmente fascinante.

Talvez minha tristeza nesse período seja primariamente devido às mudanças hormonais, mas tenho certeza que foi mantida porque renunciei muito mais do que estava preparada nessa fase. Além disso, fui orientada apenas com diversas descrições belas, encantadoras e irrealis de tudo o que envolve a maternidade.

Até hoje, eu só esperava que alguém tivesse me dito que minha conta bancária nunca mais seria a mesma, que meu abdome iria mudar completamente; que eu iria demorar para emagrecer (mesmo amamentando exclusivamente); que eu adquiriria olheiras constantes (e isso não necessariamente porque meu bebe acordaria todas as noites, mas porque meu sono seria eternamente superficializado por preocupação e medo de que algo acontecesse durante esse período distante da cama da minha pequena); que minha pele iria começar a apresentar

sinais de envelhecimento e cansaço rapidamente, que meu marido me olharia com outros olhos e o nosso tempo já não seria mais só nosso; que nossas viagens teriam que ser adiadas ou planejadas de acordo com o sono, alimentação e saúde dos nossos bebês (e muitas vezes adiadas pela sazonalidade ou pelo cartão vacinal da minha filha); que meu dinheiro teria outras prioridades de investimento; que eu poderia não conseguir tomar banho ou me cuidar com tranquilidade; que se eu quisesse me manter trabalhando eu teria que confiar em alguém ou alguma escola para a minha filha (e que talvez por isso eu não veria os primeiros passos e as primeiras palavras da minha filha); que eu voltaria a depender de alguém (e isso pode ser interpretado em vários sentidos); que eu amaria mais ainda as pessoas que gostassem ou demonstrassem algum carinho por ela (assim como, o contrário faria com que eu eliminasse algumas pessoas do meu convívio)... Ah! São tantas as coisas (e eu nem mencionei as cólicas, os primeiros banhos dos bebês, o sono deles, as primeiras vacinas que doem mais em nós mesmas, e tantas outras dificuldades com o próprio bebê)!!!

Isso sem falar no medo de errar, de não ser boa o suficiente, da minha filha ficar doente, de como eu seria avaliada pelas pessoas...

Eu sei que esse parece um post meio negativo da maternidade, mas eu só queria que alguém tivesse me dito, que ter filhos é muito mais do que noites em claro. Que se trata de uma renúncia infinita e continua de toda nossa vaidade, tempo e do nosso egocentrismo; e que é muito difícil mesmo! Especialmente sem o amparo de alguém, ou na primeira gestação. Eu só queria mergulhar nesse mundo, com consciência de pelo menos parte de tudo o que eu poderia passar e acho que todo mundo merece isso.

No final das contas (na verdade nem final, porque estou só no começo – minha primeira filha não tem nem 2 anos), vale a pena!

O amor é realmente o maior do mundo e eu não sei nem até onde vai, ou aonde pode chegar! E é especialmente por isso que vale muito a pena e todo mundo merece vivenciar

isso!

Eu só queria deixar isso aqui expresso, porque há mães realmente doentes, e mães que simplesmente se sentem únicas e as piores por não avaliarem esse como um momento de completa felicidade como algumas mulheres descrevem.

Na minha opinião, o que faz de nós excelentes mães, independente das escolhas que envolvem esse momento, é o fato de tentarmos sempre acertar e de tanto amar nossos filhos.

Hoje, após o nascimento da minha segunda filha, estou realmente completa e grata a Deus. Dessa vez me preparei bem, amadureci um pouco mais e entendi que o tempo é nosso amigo, e Deus está conosco a todo instante! Dessa vez, estou podendo sentir tudo o que há de melhor nessa fase de tanto encantamento. E realmente, está sendo muito mais fácil!

Desejo a vocês muitos bebês saudáveis e uma família completa de muito amor!

Bom dia a todos os leitores! Pensamento positivo! O universo conspira ao nosso favor e podemos atrair muitas coisas boas!

Beijos!!!

POSTAGEM 07 – DIFICULDADE E ADAPTAÇÃO

O retorno ao trabalho após a maternidade gera muitas ansiedades e conflitos, na maioria das vezes isto significa em ficar longe do seu filho por um período fixo todos os dias.

Este momento para muitas mães remete ao momento de repensar sua vida e sua carreira profissional, por isso vemos muitas mães que após a maternidade mudam completamente de profissão, modificam suas prioridades e necessidades, descobrem outros talentos e estratégias diferentes de trabalhar.

E é isso que a maternidade faz, além de nascer um bebê, nasce uma nova mulher, agora mãe e com sentimentos e aprendizados diferentes do que antes existiam.

Uma das dificuldades desse retorno ao trabalho está em transferir o cuidado de seu bebê para outros, que sejam: familiares, babás, professoras... Outros que acabam por sua vez vivenciando junto aos seus pequenos as novidades e conquistas de seu filho(a), o que para mãe é muito doloroso, mas muitas vezes necessário. Nossa! Esse momento para mim foi o mais angustiante, por isso hoje estou aqui escrevendo sobre essa fase. O dividir a atenção e cuidado do "seu" bebê para outros.

Existem formas de lidar com isso, gastar menor tempo com a angústia e mais tempo com os momentos que se está com seus pequenos.

- Um deles é viver os momentos junto as crianças intensamente, aproveitar todos os minutos e segundos;

- Apoio e dividir as preocupações com o companheiro e familiares, troca de ideias e acolhimento;

- Apoio e conversa com amigas e amigos que passam ou passaram pela mesma dificuldade;

- Se descobrir como profissional (escolha para conduzir sua vida, conforme sua necessidade);

- Seguir em frente, não olhar para trás.

Outro ponto importante a se preocupar neste período é a questão nutricional, a ansiedade com a manutenção da amamentação, que é um momento rico em nutrientes, conforto e desenvolvimento. Sabemos que o ideal é amamentação exclusiva até os seis meses, mas em muitos casos a licença materna acaba antes deste período, além de que a mãe tem que preparar seu filho(a) a nova forma de se alimentar(copo ou mamadeira).

Mas existem sim formas de prolongar e manter a amamentação ao final da licença da maternidade, (veja) no post: conciliando a amamentação e o trabalho.

Neste processo de ordenha, armazenamento e utilização do leite materno devemos ter atenção:

- Cuidado com higienização na manipulação e a refrigeração do leite ordenhado;

- Identificação correta dos frascos e nunca reutilizar o leite que sobrou no copo ou mamadeira;

- A alimentação no copinho é a ideal para manutenção da amamentação;

Não vou dizer que é fácil, pois não é. Mas quando se tem um filho(a), você aprende a cada dia, constrói a cada momento de sua vida conforme suas possibilidades e necessidades. Você aprende muito com sua criança e começa a se conhecer melhor. Para este período procure ter paciência, persistência, e serenidade, como em todas as fases da maternidade.

Ser Mãe é isso trabalhar junto com os filhos ou sem eles, algumas vezes por necessidade e outras por realização. É mudar sua vida, sua rotina, sua profissão para estar mais presente. É sim em alguns casos ficar longe durante o dia inteiro para sustentar a casa. Cada história é diferente, assim como cada mulher, família e suas realidades.

O que realmente importa em todos os casos é o tempo que se está junto a sua família:

minutos, horas e períodos. A entrega completa ao momento que está com seus filhos: ouvi-los, olhá-los, brincar, abraçar, acalantar...

É isso que eles querem e precisam. E é claro nós também.

Vivencie as mudanças com serenidade, tentando ajustar as rotinas da melhor maneira sem gerar ansiedades.

Faça suas escolhas e siga em frente.

Bjs

POSTAGEM 08 – INSTINTO MATERNAL?

Ainda existe instinto materno?

Tem sido cada vez mais comum que as mães, especialmente as de ‘primeira viagem’, recorram muito aos livros sobre cuidados e saúde do bebê para saber como agir diariamente com seus filhos. Ter orientações de qualquer fonte – livros, internet ou própria avó do bebê – pode ser de grande ajuda, mas, por vezes, pode ter o efeito de desviar o olhar e a atenção da mãe com relação ao bebê.

Algumas mães se apegam tanto a essas orientações externas que acabam deixando de observar os sinais que o bebê dá. Muitas mães seguem à risca a orientação de algum livro e alimentam o bebê de 3 em 3 horas – nem um minuto a mais nem a menos – na quantidade também especificada no livro, ou seguem com rigidez algum ritual estabelecido por outro livro para a hora de dormir, etc. Com isso, muitas vezes, alimentam a criança quando ela ainda não está com fome, dão mais ou menos comida do que ela necessita naquele momento, enfim, forçam algum tipo de situação acreditando que as orientações externas são portadoras da melhor e mais correta maneira de agir com as crianças.

Se informar sobre a saúde e educação dos filhos é excelente e ajuda a apaziguar os medos e inseguranças das mães, mas é importante confiar mais em si mesma e saber que observando atentamente os filhos é possível conhecê-los e entender suas preferências e necessidades. Livros que generalizam os cuidados com o bebê não precisam ser seguidos à risca. Nenhuma pessoa é igual à outra, portanto, cada criança terá necessidades e ritmos diferentes para as rotinas diárias. A relação entre a mãe e o bebê traz esse aprendizado. O mais importante não é fazer tudo sempre certo, e sim observar e entender o que o bebê precisa naquele momento.

POSTAGEM 09 – MULHER DO SÉCULO XXI

Ser mulher no século XXI é um grande desafio. Moldadas para o sucesso profissional, as mulheres de hoje, que estão entre os 25 – 40 anos, vivem um grande “batalha” quando a questão é maternidade. Voltadas a inúmeras cobranças pessoais e até mesmo por parte da sociedade, as mulheres hoje buscam cada vez mais o aperfeiçoamento profissional, ocupam grandes e importantes cargos, são vistas onde há alguns anos atrás eram posições ocupadas somente ou preferencialmente por homens: supervisão, gerencia e cargos executivos de grandes multinacionais são ocupados por mulheres eficientes e eficazes. E, nesse turbilhão de afazeres, metas a cumprir, prazos de entrega e carreiras promissoras, onde encontrar espaço para ter um filho.

Um filho requer tempo, dedicação, preparo físico e emocional. A gestação precisa ser segura e se possível tranquila, precisamos acreditar que o ser gerado recebe tudo o que se passa com essa mulher desde o útero.

Por que estou falando disso? Porque, grande parte das mulheres hoje prorrogam a gestação para concluir essa ou aquela meta, porque estão prestes a receber uma promoção, porque sonham com este ou aquele cargo. Mas, será que isso a deixará completa como um ser que tem questões não apenas profissionais, mas também pessoais?

Ao engravidar, grande parte dessas mulheres evita contar para seus chefes e equipe, como se algo de errado houvesse nessa situação. E por que isso? Talvez pela cobrança do momento certo para a gravidez? E qual seria esse momento? Num local onde grandes e desafiadoras metas necessitam diariamente serem alcançadas, esse dia ideal talvez não existisse nunca.

A mulher precisa estar preparada para vivenciar a maternidade, precisa saber que tudo será diferente, mas, que isso não irá mudar sua capacidade profissional. O grande problema é que a maternidade transforma a mulher e não existe um preparo prévio para que

ela saiba encarar de forma equilibrada esse turbilhão de emoções e mudanças que estão por vir.

Antes do nascimento do filho, normalmente, criamos várias teorias que parecem práticas e seguras, muitas delas, com base na experiência de familiares e amigos próximos. A grande maioria envolvendo o que iremos fazer com nosso filho após a licença maternidade – se vamos deixar com uma babá de confiança, com os avós, em um berçário... Enfim, o grande problema é que toda essa teoria se perde ao nascer a criança e ao nos depararmos com um amor INCONDICIONA (é claro que não falo de 100% das mulheres, existem sim exceções).

O problema agora é que essa mulher, uma profissional altamente competente, que trabalha com metas e vibra a cada conquista profissional, que conversa abertamente com seu parceiro sobre a profissão e recebe apoio até porque em conjunto estão programando a próxima viagem do casal, se vê dentro de casa por meses, 4 ou 6, dependendo da empresa, passando a ter um convívio intenso e dedicando seu tempo praticamente exclusivo ao filho. Reforço, aquela mulher que se arrumava todos os dias, tinha uma sociabilidade fantástica e compartilhava de decisões e alcance de metas, está em casa há 4 ou 6 meses focada em cuidar de seu filho.

E eu pergunto: Como está o preparo dessa mulher para sua reinserção no mercado de trabalho? Como ela é acolhida ao retornar? O cargo dela evidentemente já foi ocupado por alguém nesse período, mas, ela voltará a ocupa-lo? É possível pensar num reposicionamento? Existem tratativas diferenciadas para que ela se mantenha segura e torne seu trabalho eficaz? Para aquelas que mantêm aleitamento materno exclusivo, como lidar com o retorno ao trabalho? E terão que fazer desmame precoce?

Enfim, milhares são os questionamentos e isso gera desconforto, ansiedade, sensação de ameaça e o resultado disso na metade dos casos é o desligamento do ambiente de

trabalho, conforme evidenciam diversas pesquisas.

Acredito que precisamos trabalhar essas mulheres muito antes do nascimento do filho, trabalhar em conjunto com a empresa e assegurar equilíbrio para essa gestação, parto, pós-parto e retorno ao trabalho.

A mulher pode e deve manter sua vida profissional após a maternidade, mas, deve entender que as coisas jamais serão como antes. É necessário saber dividir, gerenciar o tempo, ou melhor, otimizar o tempo. Não podemos vestir a todo o momento a capa de mulher-maravilha que faz tudo. É necessário gerenciar, confiar e saber delegar; sim é importante pedir ajuda e aceitar essa ajuda seja da babá, do berçário, da família ou do parceiro.

Mas, o mais importante é lembrar que os filhos crescem e que futuramente você não poderá culpá-los de ter “largado” sua promissora carreira e é preciso compreender que ele irá ocupar espaço em sua vida, mas, não sua vida como um todo.

Precisamos trabalhar melhor a maternidade dentro do ambiente empresarial. É possível ser uma ótima mãe e uma funcionária eficaz!

POSTAGEM 10 – LOUCURA SÃ?

Puerpério. Esse nome é meio esquisito mesmo, um tanto estranho, eu pessoalmente antes de passar por ele mal sabia do que se tratava, mas depois que o conheci posso dizer que não vou me esquecer desse nome tão cedo e da profunda experiência que ele me trouxe.

Sinto que ainda é um tanto tabu se falar de puerpério e pós-parto. Sinto que o assunto é meio off, como se fosse algo a ser abafado, até mesmo ignorado. Porém ele é real, ele existe, e toda mulher que tiver um filho terá que passar por essa experiência. Queira ou não. Faz parte. Por isso acho muito bom e válido falarmos sobre isso.

Claro que cada experiência é muito pessoal e única. As vezes nem conseguimos contar tamanha é a peculiaridade. E muitas vezes poucos irão nos entender.

Minha experiência com o puerpério foi das mais intensas. Chorei tudo que o que tinha pra chorar. Ri às gargalhadas tudo o que podia também.

Sim parecia uma louca. Ou será que não estava um tanto insana? E olha posso dizer que essa insanidade toda me fez muito bem. Fácil não foi mas foi de muita valia pro meu desenvolvimento e crescimento pessoal.

*Foi ali que mergulhei num mar desconhecido e bem profundo, cheio de incertezas e desafios. **E me joguei com tudo.** Fazia tanto tempo que eu não deixava o mundo parar e focar somente naquilo que estava acontecendo naquele exato momento.*

Éramos eu e meu filho. Meu filho e eu. Eu com minha nova vida, com minha nova pele, com meu novo corpo, meu novo compromisso, meus novos pensamentos, minhas novas sensações, meu novo eu. Com minha cria nos braços.

Uma nova percepção de tempo e espaço.

Lembro que uma coisa que sentia e pensava constantemente naquele período era se minha vida iria voltar, se meu antigo eu iria voltar, quando aquilo tudo iria se normalizar.

E o mais engraçado é que nada daquilo voltou. Nada mais foi como era antes.

*E com o passar do tempo as coisas foram se transformando mais e mais. Porém com mais suavidade. E como em toda **transformação** tive que deixar algumas coisas pra trás para **abrir espaço pro novo**.*

Não é algo fácil. Porém é muito libertador. É como se fosse uma travessia. E daquelas sem volta.

Aquilo tudo me dava cada vez mais a sensação de sentir a grandiosidade do mundo em minhas mãos. Eu responsável por um ser. E isso era tão assustador mas ao mesmo tempo muito empoderador. Aquilo me fortalecia ao mesmo tempo que me despia. Uma fusão intensa.

Enquanto amamentava me sentia uma leoa, uma rainha. Mesmo com todas as dificuldades iniciais que tivemos com a amamentação. Cada conquista era uma grande vitória.

Eu e somente eu nutria meu bebê, que crescia com a ajuda do meu próprio leite. Aquilo pra mim era algo quase surreal, algo incrível.

A natureza em sua verdadeira versão.

Essa experiência toda me fez pensar e refletir muitas coisas da minha vida, repensei muitos padrões, crenças, comportamentos, atitudes, e olhando ali aquele serzinho tão pequeno, aquela vida nova, me fez perceber que muita coisa que antes me cabia já não servia mais, não havia mais sentido.

Sentia que uma fase nova e boa estava pela frente. Que muita coisa estava mudando e que muita coisa ficaria pra trás.

Aquilo me paralisava. Eu não tinha ideia do que vinha pela frente. Só sabia e sentia que as coisas estavam mudando, se transformando.

E assim segui, aceitando o novo momento.

Hoje sou mais forte. Hoje me sinto melhor comigo mesma. Aceito esse meu processo

apesar do medo diante do novo e do desconhecido.

E foi essa a minha experiência com o puerpério, foi isso que ele fez comigo. Me revirou completamente. Me colocou de frente comigo mesma.

Com ele aprendi a aceitar melhor as mudanças da vida, com mais coragem.

***Aceitar a grandeza da vida.** E apesar do desafio, confiar, me entregar e seguir.*

CAPÍTULO 6

INTERPRETAÇÕES E INTERLOCUÇÕES REFLEXIVAS

O presente capítulo divide-se em duas partes, equivalentes em importância, mas desiguais em termos de tamanho.

A primeira parte, mais sucinta, consiste na apresentação dos campos de sentido afetivo-emocional que produzimos interpretativamente a partir de impressões transferenciais geradas no encontro com as postagens selecionadas. Em outros termos, corresponde ao cumprimento do *procedimento investigativo de interpretação do material*. Vale notar que se trata de uma exposição propositalmente concisa, que segue delineamentos das pesquisas que vêm trabalhando com a metodologia aqui utilizada. Como se verá, um campo de sentido se define como espécie de região ou mundo emocional organizado ao redor de crenças, valores ou fantasias. Assim, uma boa definição que denota apreensão de elementos essenciais será, forçosamente, breve. No âmbito desse estudo, a consideração psicanalítica das postagens permitiu a criação/encontro de dois campos de sentido afetivo-emocional que denominamos: “Dedicando-se exclusivamente” e “Conciliando atividades”. Vale notar que tais campos não esgotam, de modo algum, a riqueza do material estudado, já que todas as condutas humanas emergem provavelmente de múltiplos estratos ou camadas afetivo-emocionais. Entretanto, foram escolhidos por se terem evidenciado, neste momento da trajetória do Grupo de Pesquisa como particularmente destacados e frutíferos no encaminhamento dos debates que tem a maternidade e o sofrimento social como foco.

A segunda parte corresponde ao cumprimento do *procedimento investigativo de interlocuções reflexivas*, consistindo no exame dos campos de sentido afetivo-emocional à luz de contribuições de outros autores. Diz respeito, portanto, a um trabalho realizado de modo intersubjetivo, que começa com a pesquisadora entrando em contato com o material a ser interpretado, ampliando o diálogo com os membros do Grupo de Pesquisa e, por fim, realizando as interlocuções reflexivas.

Para Ambrósio e Aiello-Vaisberg (2014) a criação/encontro de campos de sentido e a interlocução com a literatura científica sustenta a produção de teorias locais que contribuem de forma rigorosa com o debate científico ao redor dos temas que estudamos. Não procuramos captar o “verdadeiro significado” das comunicações emocionais dessas mães em suas postagens, mas dialogar, impressionarmo-nos com o que cada produção nos comunica, permitindo-nos produzir conhecimentos que orientem práticas diferenciadas nos campos da psicoterapia, da psicoprofilaxia e da formação profissional do psicólogo, adequadas à realidade concreta das pessoas, ao mundo humano em que vivemos. Pretendemos, também, produzir conhecimentos que possam enriquecer debates entre profissionais, pesquisadores, ativistas de movimentos sociais e sociedade civil ao redor das condições sociais que cercam o acolhimento dos bebês e o cuidado das crianças, bem como o bem-estar da mulher-mãe, em sentido amplo.

CAMPOS DE SENTIDO AFETIVO-EMOCIONAL

O campo de sentido afetivo-emocional “Dedicando-se exclusivamente” organiza-se a partir da crença de que a boa mãe é aquela que dedica todo o seu tempo ao seu filho e que faz dessa atividade sua única missão de vida.

Fatalmente deixamos de lado aquela mulher que fomos até então para nos transformarmos em um alguém que será o maior responsável por outro ser humano. Quer algo mais “metamorfoseador” que isso? (P3)

Tenho muito orgulho de cuidar sozinha do meu filho e não ser mãe de feriado, ou final de semana. No entanto, eu sei que nem toda mulher pode ficar exclusivamente cuidando de um filho. Existem mil empecilhos, principalmente a questão financeira. Milhares de mulheres precisam trabalhar para ajudar nas despesas domésticas. Eu nunca imaginei que seria mãe em tempo integral. Vivi até bem pouco tempo achando que eu tinha sido forjada para ocupar outro encargo. O destino me trouxe para experimentar o vortex [sic] da maternidade de maneira intensa, por pelo menos os primeiros 12 meses de vida do meu bebê. (P3)

Ter filhos é para educar, criar e cuidar. Não é para os avós, muito menos para as babás. Exige tempo, anulações, privações e exige muitaaa rotina. Sem falar nas noites mal ou bem mal dormidas. Nas comidas frias, choros e gritos constantes e certas vergonhas que aprendemos a conviver. [...] Filhos, filhos não são objetos e merecem serem tratados com muito respeito. Filhos foram feitos para serem criados pelos pais, com muito amor, educação e carinho. Lembre-se de que a responsabilidade é SUA e não da sua família, dindos, tias, primas, amigas, etc. (P4)

Éramos eu e meu filho. Meu filho e eu. Eu com minha nova vida, com minha nova pele, com meu novo corpo, meu novo compromisso, meus novos pensamentos, minhas novas sensações, meu novo eu. Com minha cria nos braços. [...] Eu e somente eu nutria meu bebê, que crescia com a ajuda do meu próprio leite. Aquilo para mim era algo quase surreal, algo incrível. (P10)

“Conciliando atividades” é um campo de sentido afetivo-emocional organizado ao redor da crença de que uma boa mãe pode cuidar de seu filho, aceitar ajuda para realizar tal cuidado e, ao mesmo tempo, manter outros interesses e atividades. Evidências de condutas emergentes desse campo podem ser encontradas nos trechos a seguir:

Eu consegui minha independência financeira cedo e não tinha, aliás, não tenho, equilíbrio emocional para lidar com a situação de ter que depender do meu marido para tudo que precisasse, no que diz respeito a dinheiro. Me restava então decidir como faria com a Nina quando retornasse da minha licença, que durou seis meses e mais um mês de férias, e aí acho que está o fator mais importante que fez a minha volta ao trabalho muito tranquila. Eu fiz uma escolha, não foi uma decisão sem alternativas, como acontece com muita gente. (P5)

O retorno ao trabalho após a maternidade gera muitas ansiedades e conflitos, na maioria das vezes isto significa em ficar longe do seu filho por um período fixo todos os dias. Este momento para muitas mães remete ao momento de repensar sua vida e sua carreira profissional, por isso vemos muitas mães que após a maternidade mudam completamente de profissão, modificam suas prioridades e necessidades, descobrem outros talentos e estratégias diferentes de trabalhar. (P7)

A mulher pode e deve manter sua vida profissional após a maternidade, mas, deve entender que as coisas jamais serão como antes. É necessário saber dividir, gerenciar o tempo, ou melhor, otimizar o tempo. É necessário gerenciar, confiar e saber delegar; sim é importante pedir ajuda e aceitar essa ajuda seja da babá, do berçário, da família ou do parceiro. (P9)

INTERLOCUÇÕES REFLEXIVAS

Como indicou a revisão da literatura, de que nos ocupamos no segundo capítulo do presente trabalho, predomina, nos estudos empíricos abordados, uma visão segundo a qual maternidade e sofrimento se articulariam em situações específicas, definidas pelo fato da mulher-mãe enfrentar problemáticas específicas de vida, tais como relações conjugais conflituosas, história de vínculo problemático com a própria mãe, pobreza ou doenças,

próprias ou dos filhos. Evidentemente, não negamos a importância dessas dificuldades, para cuja solução a clínica psicológica pode muito contribuir, pois nenhum problema humano deixa de gerar efeitos emocionais. Contudo, ao articular as contribuições da psicologia concreta com contribuições de autores preocupados com a opressão da mulher e as reivindicações dos movimentos feministas, entendemos como oportuna a indagação acerca da vinculação entre maternidade e sofrimento social. Deste modo, colocamos a questão do sofrimento como intimamente ligada à contemporaneidade que exige a um só tempo, que a mulher persista vivenciando a maternidade como se fosse sua única missão e destino e se engaje na vida laboral, encarregando-se de contribuir financeiramente para o sustento familiar e/ou desenvolvendo uma carreira profissionalmente significativa. Trata-se, de fato, de uma situação que ocorre em diferentes classes sociais, em diferentes contextos culturais e em diferentes situações geopolíticas, apresentando-se, portanto, como problema de gênero.

Os campos de sentido afetivo-emocional, que produzimos interpretativamente, a partir das manifestações obtidas mediante o estudo de blogs, parecem confirmar nossa ideia da vigência da associação entre maternidade e sofrimento social. Assim é que o primeiro campo corresponde a uma visão bastante conservadora acerca da maternidade, condizente com uma divisão de tarefas conjugais em termos das esferas pública e privada, dos domínios do patrimônio e do matrimônio, contra a qual se vem batendo as feministas que não se querem ver encerradas na vida doméstica. Tal visão, como atestam as postagens estudadas, apesar de conservadora, segue mantendo-se absolutamente firme, num quadro bastante interessante, que combina o manejo de moderna tecnologia, que viabiliza a existência dos próprios blogs, com ideologias antigas. Entretanto, um movimento interessante surge no horizonte quando nos deparamos com o segundo campo, que aponta para esforços de conciliação entre vida profissional e maternidade, algo que, como podemos bem imaginar, pode ser realizado de muitos modos mas que sempre envolverá mudanças sociais. Esta última afirmação nos parece

importante porque provavelmente apenas quando se puder reconhecer que os problemas de gênero não afetam apenas as mulheres, mas toda a sociedade, transformações significativas poderão ser alcançadas.

Muitas contribuições psicanalíticas, reconhecidamente importantes, como o pensamento winnicottiano, indiscutivelmente capaz de iluminar aspectos fundamentais da vida humana, principalmente no que diz respeito à constituição da subjetividade individual, parecem-nos comprometidas com este primeiro campo de sentido afetivo-emocional.

Winnicott (1945/2000; 1956/2000; 1960/1998; 1963/1983; 1966/1999), cuja obra gira em torno do desenvolvimento emocional, aponta a mãe como a principal cuidadora de seus filhos e, sobretudo, indica sua característica insubstituível, salvo em condições extremas e/ou fatídicas. O autor traz à lume a tese de que a mãe, quando emocionalmente saudável, irá sofrer de uma “certa doença” para cuidar o máximo possível e da melhor maneira de seu bebê e, aos poucos, essa demanda diminui e ambos vão se separando, impulsionando o bebê para sua autonomia/independência. Winnicott (1956/2000) denomina este estado “preocupação materna primária”, defendendo-o como indispensável para que a mãe possa compreender as necessidades do filho e o auxilia em sua integração, mas para isso é preciso estar totalmente dedicada a ele. Em suas palavras “é esta habilidade que faz com que a mãe saiba o que o bebê está sentindo. Nenhuma outra pessoa sabe” (Winnicott, 1960/1998, p.27).

Ora, não há dúvida de que é preciso situar tal contexto. Winnicott (1960/1998) trabalhava com mães e bebês ingleses no meio do século passado, no qual a mãe era a principal cuidadora e o pai exercia outras atividades, principalmente prover o sustento da família e, quando em ambiente privado, sua função era a de apoiar a mulher-mãe a dedicar-se ao bebê evitando interrupções neste relacionamento. Não surpreende, assim, que o autor exclua ou exima o pai das responsabilidades em relação ao bebê neste início da vida, em prol de um cuidado a ser exercido pela mãe, que deve ser bem assistida e não sofrer interferências

em suas atividades. De acordo com sua teoria, os cuidados infantis devem ser cumpridos pela mãe, o que implica dizer que as mães devam se dedicar exclusivamente a atender as necessidades de seus filhos.

Do nosso ponto de vista, o pensamento winnicottiano, tão inovador em vários aspectos, incorre num equívoco bastante sério ao atribuir a capacidade de cuidado a condições biológicas da progenitora, que facilitariam sua identificação com as necessidades do bebê, desconsiderando que a maternidade, como todo e qualquer fenômeno humano, seja socialmente produzida.

Várias autoras, entre as quais lembramos Chodorow (1978), Badinter (1985; 2010) e Hollway (2006), debruçaram-se sobre o estudo daquilo que nosso primeiro campo de sentido afetivo-emocional, “Dedicando-se exclusivamente”, expressa. Nesse campo, o que está sendo fortalecido é o modelo da família nuclear, que tanto se contrapõe a novas configurações familiares, que se vem firmando desde o final do século XX, como a formas tradicionais de cuidado infantil, tais como aquelas estudadas por Alma Gottlieb (2012) e Barbara Rogoff (2003/2005). Essas formas tradicionais se opõem à família nuclear na medida em que nelas podemos encontrar que não apenas os pais se envolvem com o cuidado infantil, que pode ser compartilhado segundo diferentes arranjos.

Provavelmente, quando habitam o campo “Dedicando-se exclusivamente”, as mulheres são compelidas, hoje, em função do próprio movimento feminista, a proceder a um *aggiornamento*, pelo menos aparente, tendo em vista ao menos mascarar um posicionamento que poderia ser hoje considerado como francamente ultrapassado. É aqui que parece ganhar força o imaginário da boa mãe ecológica, adepta de práticas naturalistas supostamente mais saudáveis (Badinter, 2010). Não é difícil compreender este movimento, pois reivindicações ecológicas, de todo o tipo, surgem tanto em contextos progressistas como reacionários.

Entretanto, quando nos aproximamos do segundo campo, “Conciliando atividades”,

notamos, no horizonte, um movimento de trânsito desde o posicionamento mais conservador para outro, no qual a mulher figura como ser humano que pode se realizar na maternidade, mas que não se realiza apenas tornando-se mãe. Desta feita, surge a crença de que, se sua vida incluir filhos, este fato não a impedirá de cuidar de outros interesses, principalmente de ordem profissional.

Notamos, portanto, algo absolutamente fundamental: a maternidade é contemporaneamente vivida como sofrimento social, porque acreditar na dedicação exclusiva, num mundo no qual mulheres se preparam e buscam instrução para ocupar postos no mundo do trabalho, não mais “até o casamento” ou “para o caso de não conseguirem se casar”, obviamente será causa de profundo mal-estar. Por outro lado, se ganhar força a ideia de que é legítimo manter aspirações outras, para além da maternidade, como indica o segundo campo de sentido afetivo-emocional, estaremos nos encaminhando para uma transformação social importante.

Entretanto, um ponto merece reparo, no que diz respeito à ideia de conciliação de atividades na medida em que esta surge, aparentemente, como mais uma tarefa feminina. Tal percepção nos convoca a refletir sobre a necessidade de debates amplos sobre o cuidado de crianças, que devem envolver não apenas os pais, mas a família extensa, a comunidade e instituições. Ou seja, desde o primeiro passo, no sentido da busca da conciliação da maternidade com a vida profissional se faz necessária a participação de outros indivíduos e grupos.

Por outro lado, vivemos atualmente em uma sociedade diversa daquela na qual o pensamento winnicottiano veio à luz, tanto porque nosso país é uma ex-colônia europeia como porque os movimentos sociais que reivindicam uma nova posição da mulher tornaram-se mais expressivos. Desse modo, se chegamos a acreditar que seria mais correto falar em termos de função materna – que poderia ser exercida por outra pessoa, tal como a avó, o pai,

e outros, hoje, vemos que mesmo esta mudança terminológica seria insatisfatória para indicar o que se encontra verdadeiramente em jogo, vale dizer, a necessidade de cuidados específicos do bebê e da criança. Assim, escaparemos da ideia de que qualquer outro cuidador seria mero sucedâneo da mãe biológica.

A nosso ver, quanto mais forte for o primeiro campo de sentido afetivo-emocional, “Dedicando-se exclusivamente”, levando a mulher a limitar sua existência ao exercício da maternidade, mais persistentemente se manterá uma divisão social, que mantém o pai na esfera pública e impedido de experienciar contato cotidiano com os filhos e, de modo geral, com o mundo infantil (Hollway & Featherstone, 1997). Não temos dúvidas de que nos encontramos diante de um arranjo que perpetua sofrimentos sociais que atingem a todos.

Vale aqui lembrar que a possibilidade de conciliar a maternidade se deve, também, a mudanças que ocorreram na esfera social, como a redução do número de filhos, uma das conquistas do movimento feminista (Badinter, 1985; 2010) a partir do surgimento dos anticoncepcionais. Por outro lado, os avanços científicos e tecnológicos passaram a exigir a contribuição financeira da mulher no sustento familiar. Desta forma, a sociedade passou a valorizar a mulher que investe na carreira profissional. Todavia, a contribuição para a conciliação da maternidade com outras atividades, não foi acompanhada de mudanças nas atribuições de responsabilidade aos cuidados infantis, à medida que ainda é tratada como uma atividade feminina. Diferentemente do que mostram os trabalhos de Gottlieb (2012) e Rogoff (2003/2005), que estudaram os mais diversos arranjos que podem ser encontrados em outras culturas.

Nas postagens que exemplificam condutas que habitam o campo “Conciliando Atividades” observamos, eventualmente, a participação de outras pessoas nos cuidados infantis, porém, esta é tratada como uma colaboração para que a mulher-mãe possa exercer outras atividades, ou seja, a função materna é considerada responsabilidade dela. Ainda que

conte com ajuda, é a mulher-mãe quem precisa encontrar soluções para conciliar suas atividades.

Assim, é preciso salientar que a continuidade da espécie humana se dá com o evento da maternidade e com os cuidados dedicados às crianças, para que estas cresçam preferencialmente de modo saudável. Deste modo, ter filhos representa muito além da satisfação pessoal de casais, pois diz respeito à continuidade da presença humana na sociedade, da existência humana no planeta. Logo, os cuidados dispensados às crianças não devem ser tratados como um assunto privado, mas devem ser considerados uma questão social de mais alta relevância. Afinal, as mulheres, por se verem responsabilizadas constantemente pelo cuidado de crianças, podem encontrar dificuldade para a realização de suas potencialidades e, a longo prazo, desistirem massivamente da maternidade.

Por fim, no decorrer desse trabalho, concluímos que a maternidade é reinventada conforme cada época e em diferentes sociedades. Depreendemos também que se tais mudanças são realizadas por seres humanos que compõem nosso contexto cultural, também são as mulheres que contribuem para este ou aquele modelo. Assim, faz parte de uma reinvenção da maternidade, a participação de mulheres-mães conscientes de suas posições tanto na sociedade quanto na família. Se estas não lutarem por mudança, não será a sociedade, ainda com resquícios de patriarcado e colonialismo, que proverá a transformação do *status quo*. Ou seja, se o modelo da maternidade como vemos na contemporaneidade é algo socialmente construído, é também passível de ser superado.

Cabe lembrar ainda, que o conhecimento que aqui produzimos, pode contribuir para a compreensão das demandas que aportam à clínica, mas também trazer subsídios para debates entre profissionais da saúde mental, cientistas sociais, ativistas de movimentos sociais, tais como o feminismo e, por fim, a sociedade civil como um todo, por este ser um problema que afeta a todos, hoje e futuramente.

REFERÊNCIAS

- Affonso, R. M. L., & Mota, E. G. (2002). A relação pais-filhos: um estudo da dinâmica familiar. *Psikhe*, 7(1), 48-56.
- Aiello-Fernandes, R., Ambrósio, F. F., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2012). O Método Psicanalítico como Abordagem Qualitativa: Considerações Preliminares In: *Anais da X Jornada Apoiar - O laboratório de saúde mental e psicologia clínica social - 20 anos: o percurso e o futuro*, São Paulo: IP/USP.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (1999). *Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia*. Tese de livre docência não publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2001). A função social da psicologia clínica da contemporaneidade. *Revista Psicologia-Teoria e Prática*. Disponível em <http://congressolettas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/1103>
- Aiello-Vaisberg, T. M. J., & Ambrósio, F. F. (2006) Imaginários coletivos como mundos transicionais. In: Aiello-Vaisberg, T., Ambrósio, F. F. (Orgs.). *Cadernos Ser e Fazer: Imaginários Coletivos como Mundo Transicionais*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, p. 5-8
- Aiello-Vaisberg, T. M. J., & Machado, M. C. L. (1996) Transicionalidade e ensino de psicopatologia: pensando “aulas práticas” com Winnicott. In: Catafesta, I. F. M. et al. D. *W. Winnicott na Universidade de São Paulo*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo p. 239-252.
- Almeida, S., Savassi, L., Schall, V., Modena, C. (2012). Maternidade e hanseníase: as vivências de separação devido ao isolamento compulsório. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 17(2). doi:10.1590/s1413-294x2012000200011
- Ambrósio, F. F., Aiello-Vaisberg, T.M. (2014) A importância do conceito de campo no procedimento de Ambrósio e Vaisberg In: *Anais da XII Jornada Apoiar: A clínica social - propostas, pesquisas e intervenções realizada em 5 de Dezembro de 2014 em São Paulo, SP, Brasil em São Paulo, SP, Brasil / organizado por Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo. Tânia Maria José Aiello-Vaisberg - São Paulo : IP/USP*
- Ambrósio, F. F., Aiello-Fernandes, R., & Aiello-Vaisberg, T.M. (2013). Pesquisando sofrimentos sociais com o método psicanalítico: Considerações conceituais IN: *Anais da XI Jornada Apoiar: Adolescência: identidade e sofrimento na clínica social realizada em 22 de novembro de 2013 em São Paulo, SP, Brasil / organizado por Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo. Tânia Maria José Aiello-Vaisberg - São Paulo: IP/USP*
- Ancona-Lopez, M. (1983). Considerações sobre o atendimento fornecido por clínicas-escola de psicologia. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 35(2), 123–135. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article/view/18922>
- Assis, N. D. P. (2014). *Problemáticos ou Invisíveis: o imaginário coletivo de idosos sobre adolescentes*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2014, 108 p.

- Ávila, C.F. (2008). *As gêmeas cantoras e o menino que sonhava jogar futebol: o imaginário de professores sobre inclusão escolar*. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 117p.
- Ávila, C. F., Tachibana, M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2008). Qual é o lugar do aluno com deficiência? O imaginário coletivo de professores sobre a inclusão escolar. *Paidéia* (Ribeirão Preto), 18(39), 155-164. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2008000100014>
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: O mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Badinter, E. (2010). *Le conflit: La femme et la mère*. Paris: Flammarion.
- Banister, P., Bunn, G., Burman, E., Daniels, J., Duckett, P., Goodley, D., & Whelan, P. (2011). *Qualitative methods in psychology*. 2nd edition. Manchester: Open University Press.
- Barbosa, F.A., Machado L., & Souza, L.V. (2010). Significados do cuidado materno em mães de crianças pequenas. *Barbaroi*. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782010000200003
- Barbosa, J. I. C. (1992). *Uma caracterização preliminar das clínicas-escola de Fortaleza* (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia).
- Barbosa, P., & Rocha-Coutinho, M. (2012). Ser mulher hoje: a visão de mulheres que não desejam ter filhos. *Psicologia & Sociedade*, 24(3), 577–587. doi:10.1590/s0102-71822012000300011
- Barreto, M.A.M.; Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2010). O tornar-se adulto no imaginário coletivo de estudantes interioranos. *Psicologia em Revista* (Impressa), v. 16, p. 310-329.
- Barreto, M.A.M. (2006). *Do vôo preciso: considerando o imaginário coletivo de adolescentes*. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 197 p.
- Batista, P. (2011). Do diário ao blog confessional: continuidade ou surgimento de uma nova prática? *Contemporânea*. Disponível em: http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_11ex/07_PatriciaBATISTA_IISeminarioPPGC OM.pdf
- Beauvoir, S. (1949/1980). *O Segundo Sexo*, v.I, II. (Trad. Sérgio Milliet). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bleger, J. (1963/1984). *Psicologia da conduta*. (E. O. Diehl, Trad.). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Bleger, J. (1964/1985), *Temas de Psicología (entrevista y grupos)*, Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión.

- Braga, C.M.L. (2009). *Comunicação e Isolamento: uma análise clínica de diários e blogs de adolescentes*. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 168p.
- Cabral, S., & Levandowski, D. (2011). Representações maternas de mães adultas: relato clínico a partir da Entrevista R. *Psicologia Clínica*, 23(2). doi:10.1590/s0103-56652011000200004
- Camps, C.I.C.M. (2003). *A Hora do Beijo: teatro espontâneo com adolescentes numa perspectiva winnicottiana*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Universidade de São Paulo, 2003, 142 p.
- Carrillo, G.M., Chaparro-Díaz, L., Barrera Ortiz, L., Pinto Afanador, N., & Sánchez Herrera, B.. (2011). El blog como herramienta de soporte social para personas con enfermedad crónica. *Ciencia y enfermería*, 17(3), 137-149. Recuperado en 02 de noviembre de 2015, de http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-95532011000300012&lng=es&tlng=es. 10.4067/S0717-95532011000300012.
- Chodorow, N. (1978). *The Reproduction of Mothering*. Berkley, CA: University of California Press.
- Collin, F. & Laborie, F., (2009) Maternidade In: Hirata, D.; Laborie, F.; Le Doaré, H. & Senotier, D. (2009) *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP.
- Corbett, E. (2009). *Até que a morte nos separe e outros campos do imaginário coletivo de estudantes de psicologia sobre sexualidade*. Dissertação de Mestrado - PUC-Campinas. Campinas/SP.
- Corbett, E. (2014) *Contos sem fadas: mães e filhos em situação de violência doméstica* / Tese (Doutorado). Campinas: PUC-Campinas, 137p.
- Corbett, E.; Ambrósio, F. F.; Gallo-Belluzzo, S. R.; Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). Produções imaginativas sobre dificuldades sexuais: um estudo psicanalítico. *Psicologia & Sociedade* (Online), v. 26, p. 756-765, 2014.
- Corrêa, F., & Serralha, C. (2015). A depressão pós-parto e a figura materna: uma análise retrospectiva e contextual. *Acta Colombiana de Psicología*, 113–123. doi:10.14718/ACP.2015.18.1.11
- Couto, T.H.A.M., Tachibana, M., & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2007) A mãe, o filho e a síndrome de Down. *Paidéia* (Ribeirão Preto), August, 2007. 10.1590/S0103-863X2007000200010
- Cunico, S., & Arpini, D. (2014). Conjugalidade e parentalidade na perspectiva de mulheres chefe de família. *Psicologia em Estudo*, 19(4). doi:10.1590/1413-73722418811
- Dejours C. (1980) *Travail, usure mentale. De la psychopathologie à la psychodynamique du travail*. Paris: Bayard; 1993

- Dejours, C. (1998). *Souffrance en France: La banalisation de l'injustice sociale*. Editions du Seuil, 1998
- Dietz, M. G., & Tapias, E. M. (1994). Cidadania con cara feminista. El problema con el pensamiento maternal. *Debate feminista*, 10, 45-66.
- Dornelles, L., & de Lopes, R. (2010). Desafios para a maternidade no contexto da reprodução medicamente assistida: terceiro mês do bebê. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 15(3). doi:10.1590/s1413-294x2010000300004
- Dornelles, L., & de Lopes, R. (2011). Será que eu consigo levar essa gestação até o fim? A experiência materna da gestação no contexto da reprodução assistida. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 28(4). doi:10.1590/s0103-166x2011000400009
- Ferreira, A.B.H. (1986) *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro, R.J.: Editora Nova Fronteira, 1838 p.
- Ferreira, M.C. (2005). *Encontrando a Criança Adotiva: Um Passeio pelo Imaginário Coletivo de Professores à Luz da Psicanálise*. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2005, 278 p.
- Flick, U. (2008/2011) *Desenho da pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: ArtMed, Coleção Pesquisa Qualitativa.
- Fougeyrollas-Schwebel (2009). Movimentos feministas IN: Hirata, D.; Laborie, F.; Le Doaré, H. & Senotier, D. (2009) *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP.
- Freud, S. (1895). “Emmy von N.”, in “Estudos sobre histeria”, vol. 2. IN: (1996) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago
- Freud, S. (1914[1916]). A história do movimento psicanalítico. Artigos, sobre metapsicologia e outros trabalhos. v. XIV. IN: (1996) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago
- Freud, S. (1923[1922]). “Dois verbetes de enciclopédia”, v. XVIII, p.253-274. IN: (1996) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago
- Gallo-Belluzzo, S. R. (2011) *O imaginário de estudantes de psicologia sobre o primeiro atendimento clínico: um estudo psicanalítico* / Tese (Doutorado em Psicologia). - Campinas: PUC – Campinas, 151p
- Gallo-Belluzzo, S. R., Ferreira-Teixeira, M.C., Sampaio, C.M., Basaglia, J., González, M. R., Monteiro, T. C., & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2015) O imaginário coletivo de mães sobre a maternidade: considerações iniciais. In: XIII Jornada Apoiar - Cuidado e prevenção em saúde mental: propostas e pesquisas, 2015, São Paulo. *Anais XIII Jornada Apoiar - Cuidado e prevenção em saúde mental: propostas e pesquisas*. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP, 2015. v. 1. p. 386-398.

- Gallo-Belluzzo, S.R., Corbett, E., & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2013). The First Experience of Clinical Practice on Psychology Students' Imaginary. *Paidéia* (Ribeirão Preto), 23(56), 389-396. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-43272356201313>
- Garcia, C. C. (2011/2015). Breve história do feminismo. São Paulo: Claridade, 2015.
- Ginani, F, Gadelha, VR, & Galvao, B. (2012). Use of Clinical Cases in a Virtual Learning Environment as an Approach to Teaching Human Embryology. *International Journal of Morphology*, 30(4), 1395-1398. Recuperado em 02 de novembro de 2015, de http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-95022012000400022&lng=es&tlng=en. 10.4067/S0717-95022012000400022.
- Gottlieb, A. (2012). *Tudo começa na outra vida. A cultura dos recém-nascidos no oeste da África*. Editora Fap-Unifesp: São Paulo.
- Graminha, S. S. V., & Martins, M. A. O. (1994). Procura de atendimento psicológico para crianças: características da problemática relatada pelos pais. *Psico*, 25(2), 53-79.
- Granato, T. M. M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2009). Maternidade e colapso: consultas terapêuticas na gestação e pós-parto. *Paideia*. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v19n44/a13v19n44>
- Granato, T. M. M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2011). Uso terapêutico de narrativas interativas com mães em situação de precariedade social. *Psico*, Porto Alegre, PUCRS, v. 42, n. 4, pp. 494-502, out./dez.
- Granato, T. M. M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2013). Narrativas interativas sobre o cuidado materno e seus sentidos afetivo-emocionais. *Psicologia Clínica*, 25(1), 17-35. doi:10.1590/S0103-56652013000100002
- Granato, T. M. M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J.(2016). Interactive narratives in the investigation of the collective imaginary about motherhood. *Estudos de Psicologia* (Campinas), v. 33, p. 25-35, 2016.
- Granato, T. M. M., Tachibana, M, & Aiello-Vaisberg, T. M. J.(2011). Interactive narratives in the investigation into the collective imaginary of obstetric nurses about infant care. *Psicologia & Sociedade*, 23(spe), 81-89. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822011000400011>
- Hein, V., & Arruda, A. (2010). A desnutrição infantil representada por mães de crianças com baixo peso. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 30(4). doi:10.1590/s1983-14472009000400002
- Herrmann, F. (1979/2004). *Pesquisando com o método psicanalítico*. In F. Herrmann & T. Lowenkron (Orgs.). *Pesquisando com o método psicanalítico*. (p. 43-83). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Herrmann, F. (1978/2001). *Introdução à Teoria dos Campos*. 2.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Hollway, W. (2006) *The capacity to care: gender and ethical subjectivity. Women and Psychology*. London, UK: Routledge
- Hollway W.; Featherstone, B. (1997): *Mothering and Ambivalence*. London: Routledge, 1997. 200 pp.
- Kleinman, A. Das, V. and Lock, M. (eds) (1997) *Social Suffering, Berkeley*: University of California Press
- Langaro, F., & Pretto, Z. (2015). Experiências de parentalidade como fatores geradores de sofrimento em mulheres. *Fractal: Revista de Psicologia*, 27(2). doi:10.1590/1984-0292/453
- Lanius, M., & de Souza, E. (2010). Reprodução assistida: os impasses do desejo. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 13(1), 53–70. doi:10.1590/s1415-47142010000100004
- Laplanche J., & Pontalis J. B. (1992). *Vocabulário de psicanálise*. 2a ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Li, D. (2005). *Why do you blog: Uses and gratifications into blogger's motivations?* Thesis. Marquette University.
- Luccio, F., & Nicolacida-Costa, A. (2010). Blogs: de diários pessoais a comunidades virtuais de escritores/leitores. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(1). doi:10.1590/s1414-98932010000100010
- Manna, R.E. (2013). O Imaginário Coletivo de Cuidadores de Idosos na Saúde Pública: um estudo psicanalítico. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Universidade de São Paulo, 2013, 113p.
- Martins, P. C.R.; Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2010). Será que ele é? O imaginário coletivo sobre a homossexualidade. *Perspectiva* (Erexim), v. 33, p. 43-52.
- Martins, P.C.R. (2007). *O amante competente e outros campos do imaginário coletivo de universitários sobre dificuldades sexuais masculinas*. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2007, 99 p.
- Melo, S.A. & Perfeito, H. (2006). Características da população infantil atendida em triagem no período de 2000 a 2002 numa clínica-escola. *Estudos de Psicologia*. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epc/v23n3/v23n3a03.pdf>
- Merg, M. (2008). *Características da clientela infantil em clínicas-escola*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado. Retirada de: <http://repositorio.pucrs.br:8080/dspace/handle/10923>
- Miguel, L. F.; Biroli, F. (2014). *Feminismo e política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo,

- Montezi, A.V., Zia, K.P., Tachibana, M, & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2011). Teacher's collective imaginary on contemporary adolescents. *Psicologia em Estudo*, 16(2), 299-305. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722011000200013>
- Moreira, R., & Rasera, E. (2010). Maternidades: os repertórios interpretativos utilizados para descrevê-las. *Psicologia & Sociedade*, 22(3). doi:10.1590/s0102-71822010000300013
- Morrison, A. (2012). Compositional strategies of conflict management in personal Mommy Blogs. *Feminist Media Studies*. Volume 14, Issue 2, 2014. DOI: 10.1080/14680777.2012.725666
- Oliveira, R. M. C. (2002) *Diários públicos, mundos privados: diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade*. Dissertação de Mestrado, UFBA.
- Packer, A.L., Cop, N., Luccisano, A., Ramalho, A., Spinak, E. (2014) *SciELO – 15 Anos de Acesso Aberto: um estudo analítico sobre Acesso Aberto e comunicação científica*. Paris: UNESCO, 2014, 188 p. ISBN 978-92-3701-237-6. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7476/9789237012376>.
- Parker, I. (2006). *Qualitative research*. In: P. Banister et al, *Qualitative methods in Psychology: a research guide*. London, Open University Press.
- Patias, N., & Buaes, C. (2012). “Tem que ser uma escolha da mulher”! Representações de maternidade em mulheres não-mães por opção. *Psicologia & Sociedade*, 24(2). doi:10.1590/s0102-71822012000200007
- Petersen, E.J. (2015) Mommy Bloggers as Rebels and Community Builders: A Generic Description In: *Journal of the Motherhood Initiative* Vol 6, No 1.
- Pinsky, C. B., & Pedro, J. M. (2012). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto. p. 555
- Politzer, G. (1928/1998). *Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise*. (M. Marcionilo e Y. M. C. T. da Silva, Trad.). Piracicaba: Editora Unimep.
- Pontes, M. L. S.; Barcelos, T.F.; Tachibana, M.; Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2010) A gravidez precoce no imaginário coletivo de adolescentes. *Psicologia: Teoria e Prática* (Impresso), v. 12, p. 85-96.
- Pontes, M. L. S.; Cabrera, J.C.; Ferreira, M.C. ; Aiello-Vaisberg, T. M. J. A.(2008). Adoção e Exclusão insidiosa: O Imaginário de Professores sobre a Criança Adotiva. *Psicologia em Estudo*, v. 13, p. 495-502, 2008.
- Pontes, M.L.S. (2011). “A Hora H”: *O imaginário coletivo de profissionais de saúde mental sobre a adolescência*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2011, 11p.
- Primo, A. (2008). Os blogs não são diários pessoais online: matriz para a tipificação da blogosfera. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre, 36.

- Primo, A, & Smaniotto, A. (2006). *Blogs como espaços de conversação: interações conversacionais na comunidade de blogs insanus...* Programas de Pós-Graduação Disponível em <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewArticle/67>
- Quiroga, N. (2011). Blogs de historia: usos y posibilidades. *Historia Crítica*, (43), 62-80. November 02, 2015, Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-16172011000100005&lng=en&tlng=es
- Renault, E. (2004). *L'Expérience de l'injustice. Reconnaissance et clinique de l'injustice*. Paris, La Découverte.
- Renault, E. (2008). *Souffrances sociales. Sociologie, psychologie et politique*. Paris, La Découverte.
- Ribeiro, D.P.S.A (2008). *Transicionalidade e uso do procedimento de desenhos-estórias com tema nas primeiras entrevistas clínicas*. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2008, 146p.
- Rizzotto, C. C. (2014). Discursa, Lola, discursa: estratégias discursivas de um blog feminista. *Galáxia* (São Paulo), 14(28), 248-261. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-25542014219043>
- Rogoff, B. (2003/2005). *A Natureza Cultural do Desenvolvimento Humano*. (Trad. Roberto Cataldo Costa). Porto Alegre: Artmed.
- Russo, R.C.T. (2008). *O imaginário coletivo de estudantes de educação física sobre pessoas com deficiência*. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2008, 132 p.
- Scavone, L. (2001) Motherhood: transformation in the family and in gender relations. *Interface _ Comunic, Saúde, Educ*, v.5, n.8, p.47-60.
- Scavone, L. (2004). *Dar a vida e cuidar da vida feminismo e ciências sociais*. Unesp.
- Simões, C. H. D.; Ferreira-Teixeira, M. C.; Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2014). Imaginário coletivo de profissionais de saúde mental sobre envelhecimento. *Boletim de Psicologia*, v. LXIV, p. 65-78, 2014.
- Simões, C.H.D. (2012). *Sofredores, Impostores e Vítimas da Sociedade: imaginário de uma equipe de saúde mental sobre o paciente psiquiátrico*. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2012, 149 p.
- Tachibana, M. (2006). *Rabiscando desenhos-estórias: encontros terapêuticos com mulheres que sofreram aborto espontâneo*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 167 p.
- Tachibana, M. (2011). *Fim do mundo: o imaginário coletivo da equipe de enfermagem sobre a gestação interrompida*. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 170 p.

- Tachibana, M., Ambrósio, F.F.; Beaune, D., & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2014). O imaginário coletivo da equipe de enfermagem sobre a interrupção da gestação. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 17(2), 285-297. <https://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982014000200009>
- Tain, L. (2005). Um filho quando eu quiser?: o caso da França contemporânea rança contemporânea. *Estudos Feministas*, 13(1), 53-67.
- Teixeira, A.M. (2006). *Vida Revirada: o Acontecer Humano diante da Deficiência Adquirida na Fase Adulta*. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 81 p.
- Teles, M. A. A. (1999). Breve história do feminismo no Brasil. São Paulo: Brasiliense.
- Turato, E. R., (2000) Introdução à Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa Definição e Principais Características. In: *Revista Portuguesa de Psicossomática*, vol. 2, núm. 1, jan/jun, pp. 93-108, Porto, Portugal
- Vázquez, G. (2014). Maternidade e Feminismo: notas sobre uma relação plural. *Revista Trilhas da História*, 3(6), 167-181.
- Violi, P. (2009). Espacio público y espacio privado en la era de internet. El caso de los blogs. *CIC Cuadernos de Información y Comunicación*. Disponível em <http://revistas.ucm.es/index.php/CIYC/article/view/8082>
- Visintin, C. N.; Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2015). Investigando o imaginário da depressão pós-parto em blogs brasileiros. In: XIII Jornada Apoiar - Cuidado e prevenção em saúde mental: propostas e pesquisas, 2015, São Paulo. *Anais XIII Jornada Apoiar- Cuidado e prevenção em saúde mental: propostas e pesquisas*. São Paulo: Instituto de Psicologia - USP, 2015. v. 1. p. 261-266.
- Visintin, C.; Granato, T.M.M. (2015) Imagens da Maternidade veiculadas por três blogs brasileiros. In: XIII Jornada Apoiar - Cuidado e prevenção em saúde mental: propostas e pesquisas, 2015, São Paulo. *Anais XIII Jornada Apoiar- Cuidado e prevenção em saúde mental: propostas e pesquisas* São Paulo: Instituto de Psicologia - USP, 2015. v. 1. p. 505-516.
- Winnicott, D. W. (1945/2000). Desenvolvimento emocional primitivo. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 218-232). (D. Bogomeletz, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Winnicott, D. W. (1956/2000). Preocupação materna primária. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 218-232). (D. Bogomeletz, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Winnicott, D.W. (1960/1998). O relacionamento inicial da mãe com o filho In: *A família e o desenvolvimento do indivíduo*, Belo Horizonte, Interlivros, 1980.

- Winnicott, D. W. (1963/1983). Comunicação e Falta de Comunicação levando ao estudo de certos opostos. In: Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre, Ed. Artmed.
- Winnicott, D. W. (1966/1999). A mãe dedicada comum. In D. W. Winnicott, *Os bebês e suas mães* (pp.1-11). (J. L. Camargo, Trad.). 2a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- Webb, L. M. & Lee, B.S. (2011). Mommy blogs: The centrality of community in the performance of online maternity IN: Moravec, M. (2011) *Motherhood online*. Cambridge Scholars Publishing, England.
- Yoshida, E. M. P., Gatti, A. L., & Xavier, I. A. (1994). Avaliação do perfil e das queixas de crianças encaminhadas para psicoterapia dinâmica breve. *Estudos de Psicologia*, 11(3), 27-33.
- Zia, K.P. (2012). *"Gota D' Água": imaginário coletivo de educadoras inclusivas sobre ser professor em tempos de inclusão*. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2012,